



REFLEXÃO SOBRE A IDENTIDADE

(ALGUMAS DAS CONSEQUÊNCIAS DO TEMPO
DEMASIADO DA COLONIZAÇÃO EM ANGOLA)

M W A N G A G A R C I A

REFLEXAO SOBRE A IDENTIDADE

(Algumas das Consequências do Tempo Demasiado da colonização
em Angola)

Mwanga Garcia

Ficha Técnica:

Título: REFLEXAO SOBRE A IDENTIDADE

Autor: Mwanga Garcia

Editora Digital: "ÁGUA PRECIOSA"

Texto: Verdana 12

Capa: Belson Hossi

Revisão dos Textos: Mille Tavares, Abílio Lupenha

Lubango, 2022

Índice

PREFÁCIO	5
2 INTRODUÇÃO	8
3. Sua identidade mal interpretada ao estrangeiro	10
4. Certas actividades acompanham a identidade dos indivíduos	14
5. Descoberta de alguns elementos importantes da sua identidade na aldeia	20
6. Identidade prestada é uma ilusão, seus benefícios são efémeros	27
7. Identidade no contexto de seu país de origem	31
8. A identidade em jogo.	45
Sobre o Autor	48

PREFÁCIO

Este livro relata os aborrecimentos, penas, preocupações e dores de cabeça que dizem respeito à identidade do jovem Laurentino que durante a sua infância, a palavra "Nzombo" não deixava tranquila à sua mente e ele perguntava se Nzombo era suficiente para lhe identificar, enquanto na verdade, não deveria ser assim. Na etapa da sua idade, aparecem muitas revelações, descobertas e conhecimentos das outras tribos mais próximas e familiares abrangidas no mesmo tratamento dos problemas comuns tais como os Bandamba, os Sansalvadore, os São Paulo. O nome de Nzombo dominava sempre a linguagem das pessoas no Congo Belga onde ele estava como refugiado com seus parentes. Se a palavra NZombo ganhou quase todo espaço Congolense, porque este era mais identificada através das actividades comerciais exercidas pelos Bazombo espalhados em toda a região de Baixo -Kongo, na Capital do Congo Belga (Léopoldville) também na Província de Bandundu, no Congo -Brazzaville. Em princípio, o termo Nzombo parecia ridículo na presença dos congolenses, uma injúria pelos outros, forma de minimizar os Bakongo que saírem do país de Salazar Ngola. Dum lado, é uma identidade própria aos Bazombo porque isto se justificava pelo produto famoso cola (Kazu) proveniente de Zombo ao sabor diferente de cola (kazu) de Congo Belga. Este produto era muito apreciado e recomendado pelos Congolenses e porque o mesmo se faz acompanhar com a bebida tirada de palmeira. de nome Nsamba. A partir dai, os velhos Congolenses tinham hábito de receber com facilidade e muito mais para troca nas mãos dos Bakongo provenientes de Zombo, a partir daí foram chamados Bazombo. Os Congolenses não davam conta que este produto cola (Kazu) vinha de Ngola porque Zombo encontra se em Angola. O nome Zombo era mais amado, utilizado e interessado pelos indígenas Angolanos quando se apercebia que o nome Ngola naquele tempo não vinha trazer nenhum benefício para os indígenas pois que Ngola sinónimo de sofrimento, de pressão colonialista. A palavra NZombo tinha uma forte reputação e consideração na boca do povo Congolense entre as fronteiras Angola e Congo Belga...

No fundo, alguns Bazombo eram incapazes de dar uma explicação válida sobre Angola aos Congolenses pelo facto de ter um nível académico mais baixo, até a moeda Ngolare foi um pouco mal interpretada em outro nome de Ngolayi para eles, isto significava que Ngola pertencia aos Portugueses. Relativamente à moeda Ngolayi, era dinheiro dos portugueses fazendo a equivalência de 500 Ngolayi em sua linguagem de Kikongo foi expressada como (nkama panta ye Ngolayi) e naquele tempo era muito dinheiro, 1000 Ngolayi (Funda die panta die Ngolayi) aqui é uma boa fortuna para os ricos de Bazombo. Em princípio era uma ignorância total dos indígenas

que não sabiam ler, nem escrever, nem conhecer a história de Angola. Eles conduziam-se cegamente. Os Portugueses não diziam a verdade deste país Ngola aos indígenas. Estes viviam no obscurantismo e estiveram afastados da participação, da evolução de Ngola e mantendo muito tempo na ignorância, para melhor serem bem explorados. Os Sobas tinham autoridade bem limitada, subordinados, manipulados, forçados pelos colonialistas Portugueses. Eles não beneficiavam quase de nada sendo filhos do país. Eles trabalhavam para satisfazer os interesses dos Colonialistas portugueses. Os indígenas preocupavam-se de cultivar a terra, apanhar peixe de rio, planificar caça de animais. Os Portugueses não se preocupavam na formação de seu povo, nem sonhar fazer construções das escolas para crianças nas aldeias, centros de formação de jovens. Os colonialistas portugueses tinham corações duros como pedra, multiplicando sofrimento ao povo, evitando de lhe aproximar, de lhe assistir, utilizava-lhe como objecto de trabalho. Este era um fenómeno que durou um longo tempo em Angola em desfavor dos indígenas de não possuir uma identidade de estado mas do outro lado, eles apresentavam-se com a identidade tradicional oral que no fundo era mais original e admitida em família. Apesar de tudo, faltava uma coisa aos indígenas, era então a paz, a tranquilidade, por isso os habitantes do norte de Angola decidiram de ir viver ao Congo-Belga ou Congo Brazzaville na procura de paz...

Nestes países, o termo Nzombo tinha um peso grande e especial na boca dos indivíduos e atribuindo essa identificação directamente em alguns Bakongo que exerciam a profissão comercial. Portanto, a palavra Nzombo vem sempre passar na mente do jovem Laurentino, no seu bairro, na escola, nos mercados quase todos os dias. Laurentino preocupava-se muito com este nome, ele era saturado. Laurentino quando atingiu a idade de maturidade ouviu a falar no meio dos Congolenses "que os Angolanos provenientes de Angola de Salazar levavam cadeados nas bocas". Essa versão vem agitar o seu espírito. Ele perguntava-se, se aquela informação era verdade ou simplesmente se os Congolenses gozavam aos estrangeiros como os Bazombo, Bandamba e outros. Os Congolenses pressionavam muito os Angolanos e falavam que em que dia estes estrangeiros vão voltar ao seu país Angola? Sabendo que Angola tinha muitos problemas para chegar a independência. Os Congolenses zombavam dos estrangeiros provenientes de Angola. Laurentino tomava este capítulo a sério apesar de ser um assunto que não era de seu nível, mas vinha sempre ferir o seu coração e o pensamento, ele também estava interessado procurar saber como e porque tratava assim o povo Angolano? A palavra estrangeira é vestido de cores diferentes nas etapas de crescimento de Laurentino. No início, Laurentino não se preocupava muito sendo ainda jovem de 12 anos de idade, pois os mais atacados são os seus parentes no Bairro, na praça.

O mesmo termo Nzombo não se encontrava no livro do estado Congo Belga, só circulava na boca das pessoas. Mais tarde, Laurentino devia encontrar a palavra **Angola** na escola, na disciplina de Geografia confundida com a palavra **Ngola** pronunciada pelos seus parentes.

2 INTRODUÇÃO

Na época colonial, a nossa situação andava muito mal dizia o pai de Laurentino. Era evidente, pelo facto de viver a distância dos brancos Portugueses, estes gostavam de ficar nas pequenas e grandes cidades. Na verdade, os indígenas optaram por viver nas aldeias, forçados a trabalhar a terra, aproveitar a tirar riqueza dos rios, das florestas segundo os conhecimentos primários.

Sem saber qual era o intento do papel do estado Português ao povo indígena, tudo se tratava bem nas pequenas e grandes cidades. E nas aldeias, os Sobas eram únicos amigos e grandes servidores de colonialistas Portugueses porque a qualquer momento, os Sobas foram consultados para fornecer pessoas robustas na execução de trabalhos forçados, destinados a trabalhar nas lavras de café, de algodão, nas minas, arranjar os caminhos. Mas o estado português não se preocupava de saúde dos indígenas, nem na formação dos seus filhos. O recenseamento da população foi efectuado duma forma espontânea porque nem todo cidadão tinha seu documento do estado como livrete de identidade ou outro. Os indígenas foram esquecidos neste aspecto, a prioridade era os habitantes das cidades. Tudo se tratava tradicionalmente junto dos Sobas sobretudo a falta da instalação dos postos da polícia para a segurança do povo indígena houve indivíduos que cumpriram papel quase da policia, chamados **SIPAIO que** eram muito maus. A missão principal destas pessoas, era de apanhar os indígenas sob ordem dos colonos Portugueses em cumplicidade com os Sobas e estes trabalhavam em colaboração estreita com o governo Português em toda a preparação das operações de seus interesses. E naquela altura, não era necessário de elaborar processos individuais das pessoas apanhadas para executar os trabalhos forçados. Uma lista era suficiente. Este trabalho de recolha das pessoas era frequente e fazia tremer as famílias nas aldeias porque o destino dos jovens apanhados era incerto. Os trabalhos forçados eram motivo principal de abandono de Ngola na parte dos parentes de Laurentino e ir viver ao Congo Belga. Laurentino tinha conhecimento de que os seus parentes que viviam em Angola não tinham nem livrete de identidade ou qualquer documento do estado. Por outro lado, eles sentiam se incapazes de situar geograficamente Angola, sendo analfabetos, mas eles estavam convencidos que os portugueses iriam ficar de vez em Angola. Luanda para eles, era uma cidade perigosa, outro mundo onde facilmente podia perder -se a sua vida. Por isso, Luanda era uma cidade esquecida na mente dos indígenas. Não só Luanda, mas também as grandes cidades de Angola como Nova Lisboa, Carmona, enfim.

As viagens eram bem limitadas no tempo do colono, eram simples deslocações de aldeia a aldeia vizinha a pé, ou entre mercados municipais. A pequena cidade de Maquela do Zombo era habitada por alguns comerciantes Portugueses em número reduzido, que abasteciam o povo daquela área, produtos de primeira necessidade como, petróleo, sal, peixe seco, sabão, menos roupas. Os parentes de Laurentino não precisavam de documentos do estado Português para sair de Ngola ao Congo Belga, evitando os caminhos onde os postos da polícia eram montados, passavam a fronteira sem serem identificados pela polícia. Essa maneira de agir foi a preferência de muitas gentes de optar caminhar a pé apesar da longa distância de duração de mais ou menos três semanas, salvo aqueles indivíduos que tivessem mais paciência de suportar o peso de trabalho administrativo de alfandega nas fronteiras durante quatro a cinco dias para cumprir as formalidades de passagem dum lado a outro. Tudo foi a culpa dos colonialistas portugueses que deixavam viver os indígenas na miséria durante muito tempo. Naquela época, as pessoas não sabiam a situação das outras províncias de Ngola...

3. Sua identidade mal interpretada ao estrangeiro

Laurentino conhecido como filho de Bazombo, proveniente de Zombo junto a sua família., foi identificado assim na aldeia onde seus parentes viviam no Congo Belga. Sabendo que qualquer Muzombo refugiado ao Congo Belga, era considerado como comerciante em geral. A penetração de Bazombos ao Congo Belga foi caracterizada pelas actividades comerciais para melhor viver. Eles foram chamados comerciantes ambulantes, interessados a vender várias mercadorias de Ngola até a fronteira do Congo Belga., como missanga, nkula, peixe seco (NKamba) sobretudo o fruto bem-amado cazu (makazu) de bom sabor, especialmente de origem Zombo, muito diferente de cazu de Congo Belga (República Democrática do Congo), pronto para ser associado à bebida de palmeira, muito encomendado pelos velhos Congolenses na fronteira. Esses são, em geral, produtos de pouco benefício, portanto era comércio de muito sacrifício porque eles passavam de aldeia em aldeia fazendo uma grande distância. Isto para evitar a polícia do Congo Belga que exigiu o pagamento de imposto e os documentos para identificar-se. Os Bazombo eram conhecidos através deste tipo do comércio e utilizavam dinheiro que não sabiam o seu nome próprio que os parentes de Laurentino chamavam esta moeda Ngolayi, e Ngola era um país dos portugueses segundo sua concepção porque Ngola não fazia parte no pensamento dos indígenas. Eles preferiam falar nomes de suas aldeias que Ngola. Eles detestavam os Portugueses. Na verdade, os Portugueses interessavam-se a localizar bem os indígenas não por objectivo de lhes ajudar mas para melhor descobrir as pistas de captura e a recolha para ir trabalhar na conta dos patrões Portugueses. Não existia recenseamento da população nos locais mais afastados das cidades, nem os contactos permanentes para conhecer as suas necessidades. A identificação dos indígenas não tinha significado em seu benefício, mas as aldeias eram recursos humanos onde os colonialistas se abasteciam de jovens e adultos para executar os trabalhos de NTONGA (duros). Os indisciplinados apanhavam chicote e esta era a boa maneira de intimidação a fim de obedecer aos patrões colonialistas. Nos anos 40, os trabalhos de recenseamento da população já se faziam sentir ao Congo Belga em toda a extensão do país. Era nesta oportunidade que os parentes de Laurentino se encontravam naquele país como refugiados, foram obrigados a apresentar-se para serem identificados, mas infelizmente eles eram incapazes de dar os dados com clareza de seu país, nem sabiam situar Ngola ou mesmo distinguir as Províncias, Municípios, comunas porque eram analfabetos. Eles solicitavam os amigos Congolenses de se prontificar como tradutores em frente das autoridades Congolenses. Foram cometidos muitos erros na transmissão dos nomes das aldeias de Ngola, que foram mal interpretados.

Os tradutores não tinham nível suficiente para interpretar longas frases. Todo este trabalho levava tempo nos locais onde foram organizados os recenseamentos da população no Congo Belga. Os Congolenses perdiam às vezes paciência, pressionavam os chefes para não atenderem mais os estrangeiros que não sabiam esclarecer suas situações pelo que estes deviam esperar chamadas da última hora, a prioridade foi dada aos cidadãos Congolenses. Era um trabalho de carácter importante perante o estado de Congo Belga, com interesse único de meter em ordem os dados de estatísticas do país. Este trabalho teve um tratamento especial, de muita atenção, por isso, o governo de Congo Belga meteu em cada região alguns quadros brancos belgas formados a (para) orientar os funcionários administrativos com objectivo de fazer um trabalho de qualidade para que as informações recolhidas a partir da população em geral até o topo, sejam claras e de confiança. De qualquer forma, Laurentino percebeu que os seus parentes cumpriram o dever de se registar como estrangeiro. A Identidade é um problema sério para os estrangeiros que queriam viver com segurança, tranquilidade e liberdade num outro país. Essa é a identidade do pai de Laurentino: **nome: João, apelido :Senguele, filho de Kiengani Emmauel e de Kinkadi Isabel, origem do Zombo, aldeia: Luidi, data e lugar de nascimento em 1910, Luidi, Município de distrito Província País Ngola, profissão: comerciante ambulante, para a sua mãe Nzongo , apelido :Teresa, filha de Tutoma André e de Kikusa Helena, origem de Zombo, aldeia Nkondo, data e lugar de nascimento em 1921, Nkondo, Município de, distrito Província de País Ngola Profissão: camponesa,** observamos a insuficiência dos dados destas duas identidades pelo facto de não conhecer bem a estrutura do país Ngola sendo também parentes analfabetos. No mesmo contexto, se os funcionários Congolenses tiverem ignorância do país Ngola, não davam importância porque os indígenas de Ngola contavam para si o sofrimento, a pressão, o chicote na realização de trabalhos forçados nas fazendas de café, de algodão, e no endireitar as estradas. Mais tarde, essas lacunas dos dados do país Ngola foram preenchidas pelos funcionários brancos formados. Era preciso esperar a verdade e a luz de uma identidade Angolana real.

Angola, como se dizia, era um mundo à parte, sob entendida, desvalorizada. Aqui os parentes de Laurentino perguntavam se como fazer para penetrar na sociedade Congolense na fronteira do Congo Belga (R D C.)? Não era fácil, porque eles eram estrangeiros e deviam agir com cuidado para não serem apanhados. Em princípio, eles deviam construir com autorização do chefe da aldeia. Laurentino lembrava dos bafos que seu pai apanhou quando este tinha cortado uma cana de açúcar numa lavra abandonada e foi surpreendido pelo sobrinho do Soba, enquanto ele deveria pedir autorização aos donos daquela aldeia, assim foi chamada atenção para não voltar mais a

repetir o mesmo acto e também Nzombo não vem com nada de seu país de origem. Os parentes de Laurentino viveram do processo de troca dos produtos do Zombo com aqueles dos Congolenses ou ainda vender para comprar o que era necessário para melhor viver. Não era fácil de conduzir a vida como estrangeiro. Por isso, eles deviam trabalhar muito, portanto, eles gozavam toda a liberdade, mas eles foram sempre considerados estrangeiros, os Bazombo. Mesmo aqueles os amigos de mama ou de papa não faziam excepção, seguiram a mesma ideologia, a mesma linguagem. Mas esta liberdade era bem limitada porque para cultivar a terra, era preciso pedir autorização, por exemplo dez hectares concedidos a mama de Laurentino, os donos da terra não se preocupavam de trabalhar na lavoura, nem uma vez; mas no tempo da recolha dos produtos eles exigiam a metade ou mais dos produtos. Naquela altura, os estrangeiros não tinham direito de falar porque a terra pertencia aos donos que têm identidades originais. Este sistema funcionava para intimidar os estrangeiros, esses são sempre considerados mão de obra barata. Os estrangeiros trabalhavam muito e muito mesmo, tomavam a palavra "trabalho" a sério porque o daí onde vinha o seu pão para comer. Dinheiro não tem respeito, traz confusão entre amigos, irmãos, ele é sempre que regula o mundo entre os humanos. Os Bazombo que saíram de Ngola, esqueceram do país, nem falar dele, eles gostavam de ir falar as coisas de suas aldeias porque Ngola pertencia aos Portugueses. Isto era um fenómeno particular dos indígenas da Ngola, que escolheram o seu campo próprio, que se distinguiram dos portugueses, e era um desafio tácito. Portanto, eles andavam com dinheiro nos bolsos chamados Ngolayi utilizando em outras oportunidades quando as pessoas de confiança se deslocavam a Ngola para fazer as compras das coisas mais procuradas no Congo Belga e vice-versa...

Laurentino tinha esperança de ingressar um dia na escola... Apesar de tudo, ele devia ser educado com cuidado no seio da família. Ele aprendia que obedecer não é nada mal, este comportamento é uma das regras cívicas e morais de base, contrário de desobedecer. Há assuntos da competência do nível dos mais velhos. Laurentino foi sempre afastado das conversas dos adultos... Ele foi chamado atenção de observar as regras mais elementares da vida sobretudo o respeito aos vizinhos, pedir desculpa antes de passar no outro sítio, mesmo antes de cuspir a frente das pessoas, ter hábito de falar pelo menos um pouco baixo para ser bem compreendido e tirar o chapéu no meio das pessoas com mais idade, pedir autorização antes de sair. Tudo isto faz parte de saber viver na sociedade segundo o pai de Laurentino. Neste momento, somos condenados a viver em família junto com os irmãos Congolenses a fim de segurar a nossa imagem. Essa maneira vai trazer para nós bons frutos em família, já a tia de Laurentino foi contactada para o casamento com o filho do Soba

porque ela foi observada como rapariga de boa conduta. Como se diz "o cão que passa numa outra aldeia deve dobrar a sua cauda para não ser atacado". Laurentino foi chamado atenção neste capítulo de respeito, incluindo os bens alheios, pois que a sua destruição requer pagamento de muito dinheiro com muita pesada, muitas vezes, é raro um estrangeiro ter razão a frente do Soba sobretudo quando o estrangeiro é acusado. O respeito de Laurentino refletiu-se até no vestir como a falta de bolsos na sua calça e na sua camisa... Segundo os mais velhos, meter mãos no bolso é sinal de orgulho. Também se preveniu Laurentino que dinheiro é difícil para obter, é preciso trabalhar e trabalhar sem ter receio...

4. Certas actividades acompanham a identidade dos indivíduos

Cada um com a sua profissão. A maioria da tribo Bazombo exerce a profissão do comércio... Este é o seu domínio principal onde se observa paixão e dedicação, o que consideramos como mérito desta tribo na contribuição de apoio, ajuda ao povo Congolense para adquirir com facilidade os bens de primeira necessidade nas aldeias e pequenas cidades naquele tempo.

Onde as colónias dos emigrantes de Ngola vem nascer rapidamente na região de Baixo Kongo particularmente Kimpangu, Luvaka, Kuilu Ngongo (Moerbecke), Cattier, Kolo Fuma, Marchal, Thysville (Mbanza Ngungu), Kisantu ((Inkisi), na Região de Bandundu, sobretudo na Capital Leopoldville (Kinshasa), no Congo Brazzaville, e na Zâmbia. Podemos associar outras tribos provenientes de Ngola que viveram lado a lado com os Bazombo como os Bandamba, Bembe, Basansala (Sansalvador), e pouca frequência dos São Paulo, etc. Os Bazombo vieram meter o seu carimbo na sociedade Congolense por razão de exercer as actividades comerciais. Os Bazombo, Bandamba, Basansala, São Paulo, chegaram de formar aglomerações chamadas mais tarde "Kimbalazolele "significa que não há escolha das pessoas para viverem aqui, quem quer pode ficar naquela aldeia, ninguém pode lhe impedir. A chegada destes povos provocou extensão de muitas aldeias congolenses por sua influência e identificação de população misturada, incluindo cidadãos Congolenses com interesse de viverem junto com refugiados de Angola. Ai notava-se a presença de Bazombo bem identificados como comerciantes reputados, alguns são ricos em dinheiro, os outros em carros, lojas. Ser rico, é preciso saber manipular dinheiro, com paciência, sacrifício, perseverança, consegue-se ter dinheiro na mão," **enquanto em dinheiro não há verdade**" como se diz. Com um fundo de 100 a 500 Ngolayi dava para iniciar actividades comerciais. Uma coisa estranha que Laurentino observava perante o seu pai eram suas as queixas em dinheiro no momento das despesas de casa, da escola, enquanto que o seu pai tinha muito dinheiro. Seria um dos segredos de dinheiro? Quem tem dinheiro não faz publicidade para evitar ser assaltado ou mesmo agredido pelos gatunos ou ainda para que as pessoas não lhe incomodem nem chateiem. É preciso ficar calado talvez, também é boa maneira de viver na sociedade? Tudo isso é mentira porque um rico tem as suas marcas que lhe distingue dos pobres. As testemunhas de Laurentino nos ensinam o rigor de seu pai em dinheiro. O pai de Laurentino tinha seu método de contar dinheiro sendo analfabeto. Ele utilizava palitos de fósforo. Cada palito tem um valor de 100, 00, Franco Belga o que pode facilitar a contagem de boa quantidade de dinheiro até 2000,00 FB. Na época

dos anos 40 e 50 possuir 5000,00 FB era uma boa fortuna no Congo Belga.

Por outro lado, os Portugueses deixavam viver muito tempo o seu povo no obscurantismo e miséria onde acesso para os estudos a nível médio e superior era problemática ou ainda o povo tinha noção profunda empírica em dinheiro como interesse pessoal, eles sabiam que contar dinheiro, e mais nada porque a maioria dos indígenas eram analfabetos e não tinham visão de ver longe por falta de formação, e instrução. Se o pai de Laurentino tinha dinheiro e não se preocupava na formação de seu filho, pois que a sua intenção era virada na sua instalação rápida numa aldeia qualquer onde pode sentir –se melhor com paz, tranquilidade, segurança. Sabendo que certos comerciantes de Angola beneficiavam pequeno credito dos Portugueses emigrantes que fugiram as crises económicas em Portugal nos anos 40 e 50, muitos deles gostavam de viver fora do Portugal como França, Itália, e outros em Africa. Na época colonial, Congo Belga (Republica democrática do Congo) recebia emigrantes Portugueses espalhados em toda extensão do Congo Belga sobretudo na Província de Baixo -Kongo, Bandundu e outras Províncias... As colónias emigrantes portuguesas ficavam nas pequenas e grandes cidades Congolenses apoiavam muitos indígenas de Angola no domínio comercial. A compra pelos Portugueses emigrantes com balanço dos produtos como feijão, zinguba, dendé, mahungo, provenientes dos indígenas Congolenses onde vão surgir extensão dos mercados por classes dos comerciantes, entre outros os comerciantes ambulantes, comerciantes a venda grosso, comerciantes a venda de retalho e os vendedores nas praças pequenas dos bairros. Os Portugueses emigrantes ajudavam os pequenos comerciantes ambulantes Angolanos que beneficiavam créditos de 5 ou 10 sacos de peixe seco para efectuar o seu pagamento após da venda. Os Angolanos e os Portuguêses emigrantes viveram em bom termo de entendimento fora de Angola. Os refugiados Angolanos do Norte vinham alimentar as actividades comerciais e deram o gosto de exercer o pequeno comércio os próprios Congolenses no tempo dos colonos Belgas, muitos deles eram os Bazombo... A aparição dos grandes comerciantes Portugueses, vinha transformar os mercados nos abastecimentos de várias mercadorias de primeiras necessidades e importantes na vida quotidiana da sociedade Congolense. Os mercados foram invadidos pelos produtos industriais contra a troca dos produtos agrícolas.

Os emigrantes Portugueses tinham o seu estatuto como estrangeiros provenientes de Portugal, bem respeitados no meio da sociedade Congolense contrario dos indígenas de Angola que sofreram das injurias de não ter ainda o país onde fugir, nem conhecer onde eles vêm porque os colonos Portugueses se prontificaram como dono de Ngola. Isto vinha sempre no pensamento dos indígenas refugiados no Congo Belga. Os próprios Angolanos foram esquecidos deste poder durante 500 anos no processo de colonização que provocou a diáspora dos Angolanos um bom tempo sem viver junto. Os Bazombo foram apresentados com essa identidade prematura bem conhecida na sociedade Congolense, tendo em conta a sua historia da entrada o Congo Belga e o facto de exercer actividades comerciais dum lado, por outro lado o nome Nzombo aparecia como uma brincadeira, uma insulta, uma identificação sem valor pelo facto de penetrar no Congo Belga sem documento oficial do colono Português, sendo analfabetos e sem conhecer situar bem o seu país, mas os Bazombo foram apontados como os famosos comerciantes. E falavam pouco de Ngola porque eles esqueceram de Ngola, país que não dava nada o seu povo para viver melhor por exemplo em saúde, educação, formação, eles sabiam bem que eles eram oprimidos, eles não pensavam regressar em Ngola, e eles amavam desprezar os colonialistas Portugueses neste termo fastidioso e odioso "MPUTU LUKEZO" que tem uma significação amarga na mente dos indígenas de Angola. Para ironia, os Congolenses perguntavam os Angolanos o dia de regresso em seu país Angola. Eles respondiam: amargamente: regressar a onde? Eles perderam esperança de voltar em Angola. Eles não tinham mais ideias que um dia eles podiam voltar, porque alguns emigrantes Angolanos do norte possuem bens materiais e dinheiros que vinham lhes consolaram e instalaram se com força no Congo Belga, Congo Brazzaville, Zâmbia. Eles alegraram da hospitalidade humana e pacifica destes países. As lembranças da opressão colonialistas Portugueses fizeram esquecer tudo de Angola. Era difícil de pagar essa imagem quase de escravatura destes indígenas de Angola. O que se passava em Angola? tudo isto não tinha resposta. A única resposta era de que Ngola pertencia a MPUTULULUKEZO (os portugueses).

Os indígenas deviam submeter se a trabalhar e trabalhar na conta dos colonialistas Portugueses sem pensar lhes atribuir identidade isto quer dizer, sem lhes reconhecer nem respeitar a sua existência como dono de Angola, nem lhes proteger da saúde, de habitação, de alimentação. Tudo sofrimento morreu no coração destes indígenas Angolanos. Mas a opressão era de mais, eles decidiram de fugir fora de Angola na procura de tranquilidade e sempre eles oravam em nome de NZAMBI MPUNGU (DEUS todo poderoso) da justiça para este povo oprimido, maltratado. A identidade destes indígenas angolanos estava em jogo na época colonial. Os emigrantes

Angolanos eram dum lado mau necessário nos país estrangeiros porque eles foram minimizados, desconsiderados as vezes, por outro lado eles eram muito importantes e capazes de trazer os camponêses Congolenses que se encontravam nas aldeias longe de cidade, mercadorias de primeira necessidade na vida quotidiana como peixe seco, sal, fósforo, petróleo, porque eles se identificavam como pequenos comerciantes ambulantes, eles conheciam manipular dinheiro, coisa importante para eles. Os mais novos seguirem os caminhos dos pais, adquirindo mesma mentalidade. Laurentino desde 10 anos de idade foi capaz de fazer balanço dos benefícios ou da perda, de suas pequenas actividades comerciais na base dum mini fundo de 100,00 FB, nas compras de duas barras de sabão de lavar roupa, dois pacotes de fósforos, dois pacotes de agulhas, tudo isto fazendo o cálculo lhe trazia um pouco do benefício no fim das vendas. Sabendo que as pequenas despesas efetuadas para ele próprio não ultrapassava um montante de 15,00 FB. Laurentino recebia de seu pai dinheiro de bolso que lhe serviu para o almoço durante o tempo de permanência no mercado, por exemplo um prato de feijão, um pouco de peixe frito, chikuanga. Ainda Laurentino acompanhava o seu pai nos mercados de longa distancia. Era uma forma de iniciação dos filhos no campo do comércio dizia o pai de Laurentino, as linhas tradicionais traçadas no tempo passado não podiam serem esquecidas tal como o filho devia seguir o seu pai para aprender coisa da vida, neste contexto Laurentino descobriu em que maneira o vendedor possa comportar –se em frente do cliente, lhe atrair para chegar ao preço final? No fundo falava Laurentino o comercio é uma boa profissão o qual ele observava mais perto de seu pai em relação os seus clientes...

Por Laurentino houve duas categorias de clientes, aquele que vinha para comprar e pagar imediatamente e aquele que vinha para receber o produto com intenção de pagar mais tarde e sempre o pai de Laurentino concedia as quebras aos clientes de confiança, pois tudo isto faz parte da politica comercial tendo em conta a concorrência entre pequenos comerciantes nos mercados. Laurentino observava o comportamento de seu pai que parecia como verdadeiro mestre em matéria de compra e venda de mercadorias, por isso muitas gentes precisavam dele, apesar de ser considerado estrangeiro (Muzombo), nada mudou par ele. Em principio, O pai de Laurentino não tinha intenção de optar para identidade Congolense porque a sua profissão comercial era mais conhecida em qualquer parte de seu bairro., logo a profissão de comercio é permanente para ele. Ele tem a certeza que ele é origem de Zombo, ele tem todas as lembranças de sua terra ancestral zombo, a historia lhe ensinava tanta coisas de riqueza, árvores personificadas consideradas para ele como objectos de brincadeira no tempo de infância, rio Kimbanda (cheio de peixes Kambas), Mavoyo onde trabalhava seus primos

Pedro na idade de 14 anos ,Luciano de 13 anos, faz tudo na sua mente um gigantesco orgulho ,fica na sua alma como segredo intimo e inesquecível o qual ele pertence e o respeito de reconhecimento que ele tinha verdadeiramente ligado a costume e tradição que vai de geração em geração que ninguém lhe tira ,por isso o pai de Laurentino dizia: que” **eu fico como tal , isto faz parte de minha identidade original e não ser como Congolense no qual não tenho nada de vaidade e de verdade**”. E naquele tempo falava o pai de Laurentino: os nossos avos eram mais venerados e mais autênticos de sua identidade, isto aconteceu na véspera de funeral dum chefe de aldeia onde muitas demonstrações de danças, variedades canções, dos grupos de batuques com ritmes diferentes, pretendiam ultrapassar uns a outros, e procuravam ocupar melhores lugares e chegaram atingir o top com a vitória na exibição das identidades diferentes, dava entender se que cada grupo pretendia apresentar a sua maneira de ser. Por isso, a identidade tem o seu valor quando é defendida com base dos elementos originais e verdadeiros.

A partir dos nomes, do individuo, de família, aldeia, comuna, município, província, apresentados com verdadeiros e exactidão, o contrário destes, seria uma identidade inventada, imaginada da realidade e perda do respeito de si próprio, de sua família. Há sempre individuo que esconde a veracidade de sua identidade, ele diz outra coisa por razões absurdas ou seja de aproveitamento de seus interesses pessoais por melhor conduzir a sua vida, sem saber que isto poderia lhe trazer um dia as consequências e não dignifica a pessoa em qualquer parte do mundo. Laurentino aprendeu de seu pai o que então a identidade? essa lição não lhe passou na cabeça porque ele sabia um dia virá a verdade. Sabendo que Laurentino e seus parentes deviam fazer logo caminho de Ngola até ficaram no Congo Belga como refugiados, o que não era fácil para os estrangeiros que procuravam viver num outro país. Laurentino e seus parentes encontravam se com muitos refugiados no Congo Belga. Eram varias tribos provenientes de Ngola com tendência de deixaram as fronteiras para aproximaram se das cidades. O fluxo destas pessoas deu nascimento de grandes centros apelidos Kimbala Zolele ou Sanzala dirigidos pelos chefes sob controlo dos chefes de sector, estes aos chefes de territórios e finalmente aos governadores das províncias. Alguns indígenas Congolenses aproveitaram viver junto com refugiados Angolanos. Algumas aldeias Congolenses foram baptizadas nomes com influencia estrangeira por exemplo (aldeias: **Kinvuka, Kitona**) Este modo da vida nunca foi encontrado em Ngola dos Portugueses nem falava dos estrangeiros dos países Africanos porque Ngola era pouca conhecida e ainda os indígenas provenientes de Angola falavam de sofrimento, mal tratados nas fazendas e outros trabalhos forçados Neste contexto Ngola foi

esquecida por muitos povos de fora. Os refugiados de Angola residente o Congo Belga dedicou se muito no trabalho. Os Bazombo foram conhecidos na profissão do comercio, os Basansala como fotografo e outros como pedreiros, carpinteiro etc...

Um dia Laurentino apresentou-se numa escola primaria protestante acompanhado com pai dele por uma inscrição e sua ficha apresentava a identidade escolar os seguintes, **nome: Laurentino, apelido: Wiladio, filho de João Senguele, e de Kinkadi Isabel, data de nascimento: 5 de Julho de 1943, a Luidi, território de-----Província-----origem de Zombo, 1ª classe ,ano lectivo 1950/1951**, quer dizer que os missionários exigiam dados originais e quando não tem, não podem ser inventados , deixavam lugares vazios. Aqui observamos que o pai de Laurentino sendo analfabeto não conhecia as estruturas do estado colonial Português, e muitos erros nos registos civis ou religiosos foram cometidos para os emigrantes provenientes de Ngola. Laurentino era conhecido no bairro como filho de comerciante Muzombo. Na escola não fazia referencia de Muzombo, ele era conhecido como estrangeiro proveniente de Angola, no livrete de identidade de seu pai concedido pelo estado colonial Belga foi feito a menção que o Sr João Senguele proveniente de Angola em vez de zombo O termo Ngola foi mal concebido pelo pai de Laurentino e Maquela de Zombo conhecido juridicamente como Município. Assim, Laurentino era convencido que ele é angolano. Mas ele não podia escapar ser considerado como estrangeiro proveniente de Angola sob poder dos colonialistas Portugueses. Apesar da confusão que permanecia na sua mente entre Muzombo e Ngola, vinha para ele a dedução que os Bazombo são comerciantes dum lado, de outro lado Ngola foi mal interpretada pelos seus parentes considerado como país dos Portugueses e Ngolayi era a moeda chamada" Ngolare" enquanto que a moeda escudo veio mais tarde. Laurentino era o aluno que aprendia muitas coisas na lição de geografia onde ele distinguia na carta Africana a posição dos países africanos... ele compreendia que Angola é país dos Angolanos dentro da Africa e não dos colonizadores Portugueses. Seus parentes valorizavam Zombo porque eles estavam bem limitados e também todas as necessidades eram explorados de Zombo não beneficiavam nada de Ngola dos Portugueses. Ngola aparecia amarga e muito pesada para levar na boca.

5. Descoberta de alguns elementos importantes da sua identidade na aldeia

Nos anos 50, o pai de Laurentino planificou viagem ao Zombo (a Angola) como se dizia, com Laurentino. Era uma época complicada para fazer viagem porque os colonialistas exigiam documentos de identificação. Sr João Senguele tinha já os seus documentos concedidos pelo estado colonial de Congo Belga, ele estava em ordem, o seu imposto foi pago, papeis do comerciante ambulante, carta de saúde, carta de residente do Congo Belga. O estado Congo Belga preocupava muito de recenseamento de seu povo. Este trabalho dominava o país inteiro até naqueles cantos mais distanciados do país (Congo Belga) onde os brancos não davam sinal de existir só somente os indígenas contemplados para este recenseamento por objectivo de conhecer o número de habitantes. Laurentino apresentou-se como um aluno, escola lhe concedeu a carta de estudante onde pode encontrar, em primeiro lugar o seu nome Laurentino, apelido Wiladio, residente a Kinsende, aluno da 2ª classe A, do ano lectivo 1951/1952. Sabendo que este tipo de trabalho não existia em Angola, com excepção nas cidades porque as estruturas jurídicas e escolares organizadas não haviam nas aldeias nos anos 50. Os Angolanos provenientes do Congo Belga eram bem identificados, munidos dos documentos importantes: carta de residente, carta de saúde, carta de trabalho, livrete com selo de imposto, ao contrário dos Angolanos de Ngola que apresentavam um documento único a guia de deslocação escrita a mão que dava acesso de passar o lado do Congo Belga. Isto chocava coração de Laurentino. Durante o percurso de viagem, Laurentino foi emocionado com a precipitação da gente, homem, mulher, velhos, jovens para apanhar comboio. E nesta época existia dois comboios, um para os negros e outro de luxo, para os brancos capitalistas, bem equipado onde os negros foram contados pelos dedos por razão financeiro e da cultura. Em geral, viajar de comboio, era grande prazer e tranquilidade porque a polícia não vinha efectuar controlo do pagamento dos impostos ou outros documentos.

Se os Belgas exigiam cidadão Congolense e os estrangeiros de pagar Imposto por único objectivo de aumentar fundos do estado. A boa maneira de sancionar os indígenas que não gostavam de pagar os impostos, era lhes obrigar a fazer trabalhos do estado (os caminhos públicos durante 3 a 6 meses sem salários). Laurentino e seu pai mudaram a trajectória, deixaram comboio a partir de paragem de Moerbecke para apanhar camião que lhes conduziu em direcção da fronteira de Ngola (Kimpangu). Durante a viagem, Laurentino observava com ansiedade as pessoas que não pagavam imposto, estes foram detidos e encaminhados nos postos da policia mais

próximos onde foram submetidos aos trabalhos forçados(NTONGA). incluindo os estrangeiros que se encontravam na mesma situação. E naquela época, Laurentino era menor de idade, não foi abrangido a pagar imposto e seu pai tinha todos documentos em ordem. Laurentino diferenciava bem Congo Belga e Angola. Na zona onde ele passou as suas férias não notou a presença do posto da polícia, nem militares. Alguns raros brancos com carros de longo percurso passavam até Maquela de Zombo. Laurentino encontrou quase todas fisionomias cujo os nomes eram mais citados pelo pai e a mãe o Congo Belga, mas nenhuma delas sabia ler nem escrever.

Uns primos de Laurentino de 13 a 14 anos trabalhavam numa fábrica das minas de Mavoyo, mas também eram analfabetos... Os seus salários mensais de cada era de 15 a 25 escudos pagos com muito sacrifício porque além disso existia ainda chicote (Mbalamatodu) para disciplinar os trabalhadores indígenas, um dos seus primos meteu se em fuga e resolveu se ir viver o Congo Belga ele falava que: **“o trabalho era duro, mal tratado, não havia sitio destinado os trabalhadores para comer. Cada trabalhador preocupava se de sua comida a partir de casa, nem posto medico para receber os primeiros socorros caso de acidente. Eles regressavam a casa com mãos inflamadas por não utilizar louvas para executar os trabalhos. Em geral os trabalhadores eram mudados como camisas”**. Sr Lubaki tio materno de Laurentino, era muito amigo dos missionários protestantes, ele dava conselhos ao Laurentino de seguir bem os seus estudos no Congo Belga por ser mais útil no futuro do país, ele lhe contava boas histórias concernente a importância dos estudos. Laurentino era mais amado da aldeia pelos jovens, homens, mulheres, e velhos porque ele se distinguia dos outros jovens de sua cultura.

Ele era único jovem que sabia ler e escrever, a sua carta escolar lhe dava honra e respeito no meio daquela aldeia, bem conhecido como um menino do Congo Belga amado pelos brancos segundo a concepção deles, enquanto que Laurentino era aluno da 2ª classe da escola primaria. Uma identidade escolar que não existia na sua aldeia em Ngola nos anos 50, era um fenómeno muito complicado provocado pelos colonialistas portugueses, pois que na parte de formação dos jovens nada foi registada naquela aldeia, salvo nos trabalhos manuais, duros e difíceis. Laurentino apresentava se como um dos modelos dos jovens formado o Congo Belga, considerado como um sábio pelo seu nível do estudo, com bons vestidos e bem confeccionados, limpos e também da sua medida. O que fazia grande diferença dos jovens da aldeia que se apresentavam com roupas sujas, estragadas. Esses jovens de aldeia tiveram idade avançada. Laurentino foi interrogado as vezes, se ele vivia junto com os brancos? se ele falava com eles? Seria então um caso extraordinário

por este menino Laurentino porque os brancos pelos indígenas eram pequenos deuses que governavam Ngola e que se encontravam a distância deles, se somente em grandes cidades. Os jovens das aldeias daquele tempo em Angola, não apreendiam nada do mundo, era difícil ouvir qualquer informação, ninguém tinha rádio, os provenientes de Congo Belga pontificavam-se como os informadores e vendedores ambulantes Não haviam escolas com os monitores formados. Uma escola primaria daquela aldeia era de formalidade e não funcionava em tempo pleno, duas vezes por semana, uma escola protestante funcionava pelo pedido dos membros da igreja. Uma selecção foi feita entre filhos dos membros da igreja para dirigir a escola. Felizmente, apareceu um jovem de 19 anos, filho do pastor Mbona proveniente do Congo Belga que sabia ler e escrever, mas não tinha formação pedagógica. Ele ensinava por falta de professor formado e para satisfazer a comunidade da Igreja, aí devia ter sido em conta do princípio de perseverança, o mesmo monitor não tinha salário atribuído, porque a Igreja não tinha fundo suficiente. O monitor vivia com donativos dos produtos das lavras dos membros da Igreja. Segundo a observação de Laurentino, a vontade daquele monitor existia e manifestava através de seus esforços de chegar primeiro na escola em conformidade do horário estabelecido naquela escola, mas este Horário não foi respeitado pelos alunos para não ter conhecimento da importância do estudo.

O estado colonial não conhecia este tipo da escola que frequentava os filhos dos indígenas por que não se preocupava da formação dos filhos dos indígenas. Os membros da Igreja lamentavam da situação de seus filhos, eles deixavam funcionar escola de sua maneira, o mais importante era que as crianças estivessem uma pessoa que podia lhes falar ou mandar fazer qualquer coisa, porque tudo ia evoluir a passo de tartaruga. A classe da primeira (1ª) funcionava com muita dificuldade na aldeia onde Laurentino passava as férias o que implicava repetição de classe dos alunos. As promoções de primeira (1ª) se sucediam. A escola nunca teve a 2ª classe. Essa foi prometida anos e anos para sua instalação. A promessa não foi realizada. As raparigas daquela escola cresceram e tiveram já filhos, a 2ª classe nunca foi criada, era uma 2ª classe fantasma. Historia triste no campo do ensino nos anos 40 e 50 nas aldeias em Ngola. A construção das escolas não estiveram dignas de serem chamadas verdadeiramente escola onde os cabritos penetravam com facilidade a noite porque não tinha as portas colocadas. Escolas construídas em blocos dos adobes durante as aulas, as crianças sentavam-se em cima dos paus cortados dos arvores pronto aquecer rabos das crianças, isto tudo demonstrava que os colonos não entendiam o sofrimento do povo indígena. Nas cidades, a 4ª classe era suficiente na formação dos indivíduos, pois o mais importante aqui era de saber ler e escrever. Não era fácil de obter diploma do ensino médio ou

universitário, era preciso serem filhos de grandes classes. A palavra de ordem sobre os estudos dos filhos indígenas vinha do sentido único, isto quer dizer, com desejo dos pais e não do estado colonial. Alguns pais que estiverem possibilidades mandavam seus filhos fora de Angola por exemplo Congo Belga, Congo Brazzaville, Zâmbia e pouco e muito pouco mesmo com bolsas do estudo para Portugal. Os Angolanos encontravam-se nos momentos difíceis e passavam o tempo tudo nas fazendas dos patrões Portugueses, ou ainda nas forças armadas, muitos Angolanos não se lembravam os nomes das províncias onde eles saíram e aqueles que estiverem boa memória de citar a sua província não tinha capacidade de situar geograficamente se era o sul, norte, este ou oeste de Ngola, por falta da cultura geral e do conhecimento, pois que os nomes das províncias, das tribos apareciam por eles coisas extraordinárias, por exemplo falar de Muhumbi, Nyanyeka, Mumuila, Kwanyhama, Mukubale, Tchoco Umbundo, Mbundo, Mukongo. Eles se perceberam que a final os angolanos são muitos ao norte como o Sul, do este ao oeste, mas não se conheciam, era uma coisa estranha e complicada, as vezes não havia tempo de aprofundar conhecer-se entre cidadão Angolano onde vem e como chegar neste ou aquele lugar, porque o tempo tudo foi consagrado nos trabalhos forçados. A situação das pessoas analfabetas minava bem Angola. As pessoas não circulavam a vontade dentro de Angola, eles se sentiam medo, ansiedade, apreensão, contraídos dos colonialistas Portugueses. Algumas tribos tinham recebidos informações erradas e não confirmadas de que o povo Bailundo era mau, de que os Bacongo comem as pessoas, Luanda era nome que dava muito medo, considerado como um paraíso dos portugueses. Isto era a concepção dos indígenas. Angola era mal gerida durante 500 anos da colonização. Segundo as testemunhas de Laurentino, Congo Belga tinha evoluído rapidamente nos anos, 40, 50 ----- nas relações de fraternidade entre os povos Congolenses, graças os meios de transporte como caminhos de ferro, barcos, camiões, a circulação era intensa. Laurentino observava no Congo Belga que os militares saíram de Alto Congo de várias tribos (os Mbundja, Nguande, swahili, batetela, etc.) transferidos nas províncias de Baixo- Kongo, Bandundu onde haviam tribos respectivamente (Bandibu, Manianga, Bayombe, Bantandu. Bangombe etc). e os Bambunda, Bapende, Bambala, Bayanzi, adaptavam-se, e entendiam-se bem. O povo Angolano encontrava-se na situação de diáspora, a procura de tranquilidade, de paz, de sobrevivência durante tantos anos, a sua identidade era muita abafada, criticada... Por isso, havia muitas fugas dos Angolanos no meio das forças armadas no tempo colonial porque as pessoas foram apanhadas sem identidade completa, o nome do indivíduo era suficiente. Tudo indicava a falta do respeito humano na parte dos colonialistas portugueses ao povo Angolano.

Diferente daquilo que foi constatado nas tropas do estado Congo Belga, tendo em conta ao bom tratamento e a consideração de seu povo Congolense, e vice-versa. Tudo Congolense apanhado para ingressar nas forças armadas tinha a sua identidade completa, o seu nome, nomes do pai e mãe, sua aldeia, sector, território, província. Isto foi sinal do respeito humano dos colonos Belgas perante o povo Congolense relativa a obediência e amor do cidadão Congolense no cumprimento de seus serviços militares... Em Angola naquele tempo, as informações do mundo chegavam mais rápido nas cidades e não nas aldeias porque toda tecnologia foi monopolizada nas grandes cidades enquanto nos pontos mais distanciados os indígenas não ouviam quase nada o que se passava diariamente no mundo. As informações verbais provenientes através dos comerciantes ambulantes não eram oficiais e erradas. Laurentino aprendia de seu pai que os brancos portugueses não gostavam de ajudar os Angolanos, eles se interessavam fazer sofrer os angolanos a executar os trabalhos forçados. Laurentino observava durante as suas férias na sua aldeia a passagem espontânea dos brancos a Maquela do Zombo, conduziram carros de doze pneus, não desciam para cumprimentar os indígenas, bem fechados na cabina do carro. e com muita arrogância nas conversas com indígenas. Laurentino sabia que esse comportamento era diferente dos brancos de Congo Belga, pois os Belgas que trabalhavam nos programas de saúde e de Inspeção escolar estiverem em contacto directo e falavam com os indígenas e davam conselhos sobre as doenças contagiosas, não eram mau como aqueles Portugueses que saíram de Carmona para Maquela do Zombo. A concepção destes brancos Portugueses e Belgas eram diferentes, dizia Laurentino. Neste contexto os seus primos lhe perguntavam se aqueles brancos frequentavam ou entravam nas casas dos negros? Mas a explicação de Laurentino era clara que os brancos que trabalhavam na conta do estado Belga com objectivo de tratar as pessoas atingidas pela doença, foram inseridos nos programas de saúde. Todas essas conversas tinham lugar a noite a volta do fogo com as tias, avos e tios. Era maravilhoso de escutar histórias imaginárias. Na verdade, dizia, Laurentino, brincamos, dançamos, com os batuques. Era um tempo inesquecível... Um dia, Laurentino foi conduzido pelo seu avô nos lugares mais importantes, para lhe fazer ver o que é dele e o que não é, o que ele pode fazer no futuro, sendo herdeiro.

Dos arvores com frutas devidamente alinhados, palmeiras, mangueiras, laranjeiras, goiabeiras, deixadas pelos antepassados. Nada pode ser queimado entre essas árvores dizia o seu avô. Ao longo do rio Kimbanda faz limite as outras gentes da aldeia. Laurentino foi apresentado pelos os mais velhos da mesma linhagem segundo a tradição, todas ofertas de Laurentino deviam passar nas mãos de seu tio materno e Laurentino foi chamado atenção para não

comer por comer só o que provem da família directa. Tudo lhe foi dito, de bom e mal (bruxaria) das pessoas na aldeia para que Laurentino possa comportar se bem perante os homens, crianças, mulheres, velhos da aldeia, para ser um modelo da família.”. Essa maneira de conduzir a vida é recomendável pelo os mais velhos, era fruto da escola dos avos de Laurentino. O sentimento de Laurentino cresceu muito bem tanto pelos tios maternos como para tias paternas que viviam perto dele durante um tempo reduzido de suas férias. Laurentino participava nos trabalhos de construções, isto quer dizer, cortar arvores nas florestas. Finalmente, Laurentino começa a perceber se que há limite entre diferentes linhagens o que diz respeito os bens materiais. Sempre há alguém que determina, é então o chefe de família junto os seus membros. O dia do mercado, Laurentino acompanhava o pai na caminhada de mais menos de 15 km, muitas gentes frequentavam mercado de Mpangala do Município de Maquela do Zombo onde a maioria eram mulheres, pouco homens. Mercado cheio dos produtos agrícolas, notava-se também de certos animais abatidos. peixes de rio, óleo de palmeira, das bebidas de palmeira, de cana açúcar, de milho, óleo de palma. Laurentino não foi autorizado a beber nem um copo de bebida álcool no mercado por razão de não estragar a memória.

Laurentino foi tratado com tudo cuidado no meio da família porque ele foi apontado dedo em família como sábio pelo facto de saber ler e escrever muito cedo. Todas correspondências provenientes do Congo Belga daquela aldeia caíram nas mãos dele. Laurentino dava explicação clara tanto para as cartas das famílias como das vizinhas... Toda aldeia precisava dele, embora que outros problemas eram de âmbito familiar mereciam ser traduzidos em língua materna.

Foi um treino forçado dos pequenos ditados em língua materna as quais Laurentino tentava sempre esforçar para escrever, frases intermináveis, fugidas das regras gramáticas muitas interessadas na maneira dos analfabetos... Laurentino aprendia através destas cartas muitas coisas apesar não ter sido dominada língua materna, o essencial foi feito e cumprido. Laurentino ajudava muitas gentes de sua aldeia... Naquele tempo as pessoas gostavam de fazer viagem no fim de semana a pé em direcção do Congo Belga, o problema era o controlo da policia no que diz respeito do pagamento dos impostos. A verdade era de que nos anos 40, 50 houve um jovem branco mais amado pelo povo de Maquela do Zombo chamado Sr Manuel filho de Sr Jacinto grande comerciante Português de Maquela do Zombo apoiava a população daquela região de Carmona no concernente transporte. Mas infelizmente Sr Manuel morreu mais cedo. Laurentino lhe conheceu através da canção dedicada em sua memória.” Sr Manuel, Eh,Eh Eh ,Sr Manuel Eh Eh Eh, papa o que você fez para ser morto no percurso do caminho de Kimpangu?

Laurentino gostava de conhecer a sua historia, aquela gente que vivia naquela época falava que Sr Manuel era filho de Sr Jacinto (Português) grande comerciante de Maquela do Zombo há muitos anos, tinha lojas com produtos de primeira necessidade, sal, peixes secos, tomates, fósforos, velas, petróleo e combustíveis. Sr Manuel (filho) ajudava o povo do Carmona dos problemas de transporte até a fronteira entre Angola e Congo Belga. Sr Manuel amava muitas mulheres e foi morto no percurso de vai e vem de Kimpangu, até neste momento as explicações das pessoas sobre a morto de Sr Manuel não são claras, pois há muitas versões.

6. Identidade prestada é uma ilusão, seus benefícios são efêmeros

Ao regresso de Angola para Congo Belga, proveniente de sua aldeia natal, Laurentino compreendeu que a identidade real possa ser exprimida através dos nomes de família, do meio ambiente, dos eventos, das circunstâncias apresentados como força de demonstração de identidade dos indivíduos conhecidos pela estrutura do estado.

De facto, certos nomes têm sempre verdadeira significativa em família, na história da região, da aldeia, dos rios, das florestas, das montanhas. Isto é a característica de identidade tradicional, própria da família dum lado e a identidade própria do individuo conhecida pela família e pelo estado. **A identidade é constituída pelos nomes originais e verdadeiros da família, do ambiente, das circunstâncias conjugados na base da estrutura do estado.**

Em Angola, os indígenas das aldeias mais distanciadas não tinham nem sequer um documento do estado senão aqueles das pequenas e grandes cidades. Laurentino viveu uma experiência da identidade em sua aldeia, entendeu que podia falar se também da identidade do estado a qual é exigida pelo individuo para identificar se e em complementaridade de identidade tradicional própria de família apoiada pela herança e costume, por exemplo, fala-se de família Borges, Van - Dum, Pinto, Kitoko, Zola, isto apresenta a ideia de pertencer a tal ou tal nome daquela família. O livrete de identidade já existia no Congo Belga onde Laurentino era como refugiado junto os parentes, até nas aldeias mais distanciadas os indígenas estiveram em posse de carta de identidade, de saúde nos anos 40 e 50. Os parentes de Laurentino viviam na ignorância de Angola porque o estado colonial português não pensava reconhecer o valor dos indígenas, de seus direitos de cidadania Angolana ou lhe dar oportunidade de conhecer se entre filhos da mesma pátria Angolana. Por isso, os Indígenas Angolanos que saíram fora de Angola não sabiam dar situação de seu país, eram bem limitados nesta matéria. Os parentes de Laurentino não estiverem pessoas que podiam explicar o porque e para que? quando eles chegaram na terra dos Congolenses, não conseguiram esclarecer nem saber onde pode iniciar e terminar as suas explicações ou de quem ou de que podia falar? Falar dos Mputulukezo (Portugueses) era um desafio para eles, este nome traduzia para sua linguagem tacita como negação, tendo em conta o sofrimento durante o tempo de ocupação demasiado pelos Colonialistas Portugueses.

Quando os indígenas Angolanos encontraram se no Congo Belga, eles tinham na mente lembranças desagradáveis de Ngola dos portugueses. Eles não falavam dos portugueses, mas sim deles

próprios, das suas aldeias, dos seus costumes porque não existia o bem feito dos colonialistas no povo indígena, nem tão pouco. Eles não beneficiavam assistência médica e medicamentosa, não haviam os postos médicos, da polícia para velar a segurança do povo indígena, não haviam escolas organizadas, controladas pelo estado colonial. Todas essas infra -estruturas do estado não foram instaladas nas aldeias, se não somente nas grandes cidades porque o estado colonial não se preocupava do povo indígena. Por este efeito, os dados estatísticos do estado colonial Português eram de carácter de probabilidade porque não apresentavam a sua veracidade por negligência de contagem da população indígena. Este foi ainda uma observação feita no livro de **Américo Boa Vida intitulado "Angola cinco século de colonização"** "Naquela altura, Laurentino encontrava-se no Congo Belga nos anos 50 no meio onde a identidade era bem discutida com força as vezes numa forma cega pois que não era pelo facto do Laurentino saber falar a língua Kikongo poderia ser considerado como Congolense. A sua identidade como Congolense foi inventada. Por isso, ele se apercebia suspeitado no meio da sociedade Congolense, apesar de tudo. Ele se conduziu com prudência e reserva na escola, no bairro. Para lhe descobrir não era preciso tirar um curso qualquer porque a sua tonalidade batia na audição, mesmo os analfabetos conseguiram lhe distinguir. Certo, Laurentino não foi marginado, nem diferenciado no meio onde vivia embora que seu pai era mais conhecido através de sua profissão (comerciante ambulante), ele foi indicado com dedo onde ele passava como Muzombo. A única solução por Laurentino era de esconder-se atrás da identidade Congolense por objectivo de beneficiar bolsa de estudo.

Laurentino inventou a sua identidade da seguinte forma: **nome Laurentino, apelido Nzola, filho de João Senguele e de Kinkadi Isabel, data de nascimento 5 de Agosto de 1944, a Ndembo, Sector de Mawunzi, território de Thysville, Província de Baixo -Congo, esses** dados eram suficientes para ser considerado Congolense. Mas a sua identidade não tinha garantia porque não dizia a verdade fazendo uma análise e comparação com profundidade dos dados apresentados na escola pelo seu pai. Eram então dados alterados. Laurentino não apresentou a veracidade dos dados originais, começando pelo o seu apelido, data de nascimento, sua aldeia, Sector ou Município, Província Laurentino ouviu a falar alguns Congolenses verdadeiros dizendo com orgulho e sem vergonha que eles são 100% Bandibu e que ninguém devia lhes tirar nem 1%, portanto eles são Bandibu do peso porque o termo peso faz diferença do termo ligeiro, significa que o peso presente originalidade e o ligeiro represente a copia, aqui faz-se referencia aos indivíduos que se identifiquem como verdadeiros Congolenses ou sejam filhos da pátria (Congo), em comparação com outros indivíduos estrangeiros que dizem que são Congolense. Na verdade, Laurentino

não era 100% Congolense pois que ele é angolano mascarado como congolense. Naquele tempo o termo **Nzombo** não lhe incomodava directamente como foi o caso de seus parentes, esses mereciam serem tratados como Bazombo tendo em conta a profissão (comerciante ambulante). Eles são condenados a exercer essa profissão e são reconhecidos neste contexto como (Bazombo) pelo povo Congolense desde da penetração no Congo Belga. Isto não era caso idêntico a Laurentino porque ele era ainda jovem, ele tinha a possibilidade de adquirir facilmente a identidade Congolense. Laurentino devia aplicar o princípio do Zenão, quer dizer, resistir no sofrimento porque o nome Nzombo vinha ferir seu coração, mas ele evitava a manifestar se. O seu acento de linguagem não era longe ser detectado pelos congolenses e os portugueses quando ele gozavam proferir palavras e frases sofisticadas e quando ele gozavam proferir palavras simples e comuns. Quando ele gozavam proferir palavras sofisticadas e quando ele gozavam proferir palavras simples e comuns.

a independência de Angola, Laurentino? só para lhe provocar para falar. Tudo isto vinha dizer uma coisa que lhe chamava atenção para não fazer comentário sobre Angola, nem ter coragem de enfrentar discussões com os verdadeiros Congolense. O poder de linguagem pertencia os próprios Congolenses porque eles eram capazes de justificar essa identidade através dos conhecimentos adquiridos em família, dos mais velhos e aprovados pelo estado, com os verdadeiros nomes de família, dos rios, florestas, das aldeias, das montanhas. Muitas vezes, Laurentino tomava iniciativa na sua mente de regressar em Angola. Mas os seus parentes não davam importância de voltar em Angola, tendo em conta o sofrimento vivido, também eles não estiverem interessados de optar por identidade Congolenses porque eles mais chamados os Bazombo. Não era o caso idêntico a Laurentino conhecido como filho de Bazombo, contrario a sua identificação mascarada como Congolense, que não tinha garantia porque não era uma identidade original. Laurentino sabia o que é uma identidade original? Toda identidade original constitua pelos elementos verdadeiros e originais que podem ser justificados com base dos conhecimentos de família, confirmados pelo estado. Os elementos de identidade são únicos e não podem ser interpretados de uma ou outra forma que pela via jurídica, senão são elementos falsos ou inventados. Por isso, os jovens devem evitar cometer actos tentativas de desvios dos dados reais, verdadeiros e originais de identidade. Eles devem conformar se e seguir caminho traçado pela família apoiado pelo estado. Alguém pode vir inventar elementos que não dizem respeito a esta, aquela região, ou família, mais tarde a verdade será sempre outra coisa, e única. Quando os franceses falam de seus antepassados "Gaullois", isto é incontestável. E não podemos negar quando se diz um francês de origem senegalês. Ele deve ser orgulho e pronto de aceitar verdadeiramente esta consideração. A experiência de Laurentino sobre identidade serve uma lição para nós. Laurentino não compreendia quase nada o significado de Ngola pelo facto de terem pai e mãe analfabetos, incapazes de dar uma explicação valida.

Laurentino devia esperar o seu ingresso na escola onde essa situação lhe foi esclarecida. Segundo a concepção dos parentes de Laurentino, Zombo não era a parte da Ngola, Zombo terra sagrada para eles, e Ngola era país dos Portugueses. Ngolayi era dinheiro dos portugueses. A palavra Angola não era bem-vinda na linguagem dos parentes de Laurentino. Ngola era muito pesado para pronunciar, não era necessário de falar Ngola porque eles não beneficiavam nada de Ngola dos Portugueses. Eles acharam melhor levar na boca Zombo que a base de sua vida. No Zombo saiu tantas coisas como peixes (nkamba), colas (makazu), Zombo onde eles podem cultivar a terra a vontade, sem impedimento, nem receio, onde eles se sentiam livre de viver, onde eles são capazes de justificar qualquer situação porque eles têm conhecimentos do Zombo, onde eles são de origem. Em geral os Angolanos emigrantes eram bem limitados de falar de Angola porque o nome Ngola lhes apresentava um desafio eles recebiam informações metade a metade do mundo exterior. Os colonialistas Portugueses eram muito maus, não meteram meios de comunicação de longa alcance ao povo que ficava a distancia de pequenas e grandes cidades. Essa situação levou tempo quando referimos o período de colonização de 500 anos. Os colonialistas Portugueses escondiam a verdade de Angola aos Angolanos por melhor reinar. Foi a mesma opinião do mundo inteiro considerava como um balanço negativo e desumano durante período da colonização em Angola, mas no fundo, Laurentino sentiu o cheiro de sua identidade em sua aldeia de origem onde ele passou as férias porque ele tinha tempo de ir tomar banho no rio perto da casa do avo sem medo. Ele aprendia a língua materna e imitava dificilmente a língua portuguesa, muitas vezes ele trocava ideias nas conversas com seus primos, mas algumas perguntas postas pelo Laurentino não tinham respostas por falta de maturidade e atraso na frequência da escola de seus primos. Laurentino gostava de fazer longa caminhada com eles nas florestas, subir nas mangueiras, goiabeiras, ter conhecimento dos eventos das aldeias mais próximas, dos rios e das montanhas. Tudo isto faz parte dos testemunhos de Laurentino, das coisas vistas, ouvidas e observadas. Laurentino pretendia se rico dos conhecimentos de sua identidade tradicional.

7. Identidade no contexto de seu país de origem

Na época colonial, a identidade para os indígenas não tinha muita importância em Angola. Os Portugueses davam prioridade resolver seus problemas, deixavam atrás os problemas da vida do povo. Quando era preciso executar os trabalhos difíceis e mais duros o mercado dos indígenas apresentava indícios mais baratos no plano dos colonialistas portugueses porque não era necessário criar condições de trabalho nem ajudar ou assistir a qualquer problema da vida quotidiana dos indígenas em Angola, enquanto que estes são donos da terra. Angola precisava das infraestruturas bem organizadas do estado ao benefício de todo povo em qualquer nível do país, mas contrário daquilo que os portugueses faziam aos indígenas naquele tempo. A identidade dos indígenas Angolanos estava bem abafada no fundo e vem aparecer mais tarde na superfície, claro os Portugueses mentiam o povo, mas a verdade subia lentamente até chegar ao mundo inteiro como a luz. Os colonialistas Portugueses não pensavam realizar este trabalho de conceder a cada cidadão um documento de sua identificação como foi caso nas pequenas e grandes cidades. O governo colonial minimizar a situação dos indígenas. Os mesmos indígenas foram capturados e utilizados como instrumentos para ser utilizados nos trabalhos forçados (Ntonga) Os Portugueses não comunicavam as famílias os destinos de seus filhos, sobrinhos porque os capturados eram frutos dos patrões colonialistas, apanhados sem formalidades ou seja nem processos individuais organizados, eles respondiam directamente ao estado colonial. As verdadeiras famílias não tinham conhecimentos imediatos. Isto levava tempo de 1 a 2 anos, ou talvez nada de informação porque todos canais de aquisição das informações bloqueados. As famílias não sabiam como fazer reclamação, sabendo que os colonialistas Portugueses elaboravam somente as listas sem, portanto, reservar uma ficha de identidade de cada indígena onde vem, o seu nome, nome do pai, mãe, sua naturalidade, Município, Província, aldeia, casado ou solteiro, sem focar o problema de estudo, de profissão.

Por único objectivo de impedir as reclamações. Por outro lado, não foram exigidas condições para executar trabalhos forçados (Ntonga). Qualquer individuo apanhado serviu para trabalhar. Todas as condições foram criadas após da independência de Angola, para ter um livrete de identidade. O governo apostou muito e muito mais a cada cidadão angolano de ter um Bilhete de identidade em todo território nacional **onde encontramos: nome do individuo, nome do pai e da mãe, naturalidade, morada ou endereço, Província, data de nascimento, data de emissão, data de expiração,**

Numero do Bilhete de Identidade. Este é conteúdo dum bilhete. Laurentino registou-se na conservatória para adquirir o seu Bilhete pela primeira vez em Angola país de origem. Laurentino sabia como defender a sua identidade. Ele tinha bons argumentos e conseguiu ter o seu bilhete e não precisava do intermediário porque ele conhecia como defender a sua identidade e naquela altura cada individuo passava a um interrogatório. Os indivíduos que não estiverem em condições de esclarecer a sua identidade foram acompanhados pelo um membro da família para ajuda. Uma sala era disponível com a disposição duma carta geográfica de Angola, para facilitar o trabalho ou tirar as dúvidas e fazer demonstrar aqueles cidadãos que ainda não viajavam em algumas partes de Angola, pois a carta tinha todas indicações necessárias, as: Províncias, Municípios, comunas, rios importantes e localidades. Em consequência não devemos ser limitados conhecer o que se passa nas cidades, mas também conhecer bem a sua aldeia, sua região para bem viver a realidade do país. Laurentino já passou nestas etapas porque ele viveu, viu, e ouvindo situações concretas de sua família, de seu ambiente, já era um passo grande para ele, pois que para defender melhor uma identidade, é preciso conhecer a sua origem onde vai buscar dados ou elementos verdadeiros e originais tais como os nomes de famílias, a região, município, aldeia, florestas, rios, também os eventos, historia daquela região, a sua tradição, sem isso para identidade seria pura invenção ou imaginação que não corresponde a sua realidade. Quando a identidade é bem-dita pelo individuo presente em si próprio a sua dignidade, honestidade e sinceridade. Os elementos verdadeiros e originais de identidade apresentados fazem parte dos valores da cultura baseados na tradição, costume, historia daquele povo.

Quando alguém conhece defender a sua identidade, ele é fiel, entusiasmo, cheio de calor porque ele sabe o que ele esta a dizer. Aconselhamos a cada um de nós que qualquer alteração que diz respeito a sua identidade implica a solicitação as entidades competentes. A identidade inventada perde valor porque não tem elementos ou dados originais e verdadeiros. Laurentino confirmou que ele é 100% angolano porque ele apresentou a sua identidade com elementos originais, reais, e verdadeiros baseando no conhecimento de sua região, de sua família, do seu meio ambiente, de sua historia, de seus eventos que englobam valores reais da cultura. e ninguém pode tentar lhe tirar nem 1% de sua identidade. Neste contexto, Laurentino aprendia muitas coisas na aldeia, com seus primos, tios, tias, avos, que podem lhe ajudar para defender a sua identidade. Certas lembranças ficaram agravadas na cabeça sobretudo dos rios sagrados Kimbanda e Luidi onde Laurentino tomava banho e pescar. e muitas vezes ele andava nos caminhos formados pelos hábitos de marcha das pessoas, ele penetrava grandes florestas, ouvindo história das montanhas, vales, repetindo

canções das brincadeiras de batuque da noite, contos mágicos, fictícias que tocavam muito nos espíritos das crianças da aldeia que pareciam mais corajosa frente de Laurentino, e fizeram comentários porque para eles uma escola da noite. No mesmo capítulo de identidade, Laurentino ouviu dizer as pessoas para uma precisão de identificação de tal ou tal nome por exemplo João filho do velho Panzu e outro João filho do tio Pembele, ainda António do Kisenguele (aldeia) e António do Vinda, isto é para melhor distinguir, definir, especificar a identidade dos indivíduos onde eles pertencem, quer dizer, meter os nomes em seu lugar, de sua família, aldeia. A distinção da identidade desta maneira evita confusão. A identidade apresenta caracteres únicos, próprios ao indivíduo. Quando falamos de Café Njinga é um produto de qualidade produzido em Angola, esse café é uma identidade Nacional própria de Angola. O petróleo de árabe Saudita, é petróleo de grande qualidade diferente da Nigéria. Laurentino não se encontrava a margem de seus primos crescidos em Angola, cuja a língua Portuguesa era bem articulada para eles. Laurentino sentiu se a vontade de falar no meio deles a pesar de não dominar correctamente a língua Portuguesa, mas a sua adaptação foi rápida...

Laurentino nasceu em Angola, infelizmente ele abandonou o seu país na idade da infância junto os seus parentes por razões da pressão forte dos colonialistas Portugueses, ele passou seu tempo de juventude o Congo Belga, por isso, ele tinha acento muito diferente em língua Portuguesa, tudo isto lhe fez diferença no meio onde ele vivia. As pessoas lhe apontavam dedo onde ele passava como regressado em Angola. Este sinal podia ser um factor grande de impedimento na vida de Laurentino? pois que não, ele se esforçava para atingir bom nível para falar Português. A língua Portuguesa aparecia um pouco pesada para ele. As línguas francesa e portuguesa são línguas de origem latina, mas não se casam bem na pronúncia. Na mesma ordem da ideia, observamos que a aprendizagem da língua francesa pelos lusófonos dificulta sempre as pessoas na pronúncia como também aos francófonos que aprendem a língua portuguesa. No fundo não era razão fundamental a Laurentino de sentir se afastado na sociedade Angolana porque a língua aprende se no meio onde indivíduo vive. Laurentino foi humilhado as vezes de falar mal a língua Portuguesa, mas ele tinha pequena vantagem de falar a língua materna onde a originalidade de sua identidade tradicional foi esclarecida. Cada um de nós tem a sua origem que tem a base de explicação de alguns nomes dados pela família, segundo a sua tradição e costuma. O facto de viver muito tempo o Congo Belga não dava entender que Laurentino era

verdadeiro Congolense, absolutamente não, porque ele é de origem Angolana onde os seus antepassados marcaram a presença antes de seu nascimento. Quando os franceses falam abertamente desta forma que X é Francês de origem Senegalês, devemos aceitar essa consideração. pois que os antepassados de X são Senegaleses que se encontram o Senegal, ele não é de origem francês pois que os antepassados dos Franceses são Gaullois. Laurentino foi bem convencido das particularidades de sua identidade. A identidade engloba elementos verdadeiros e originais. Laurentino falava bem a sua língua materna que lhe serviu como um trampolim para sua defesa.

Laurentino era congolense camuflado naquele tempo, mas no seu coração lhe faltava uma coisa para ser um verdadeiro Congolense, qual era então essa coisa? era a originalidade. Laurentino não reuni condições para ser chamado Congolense de verdade porque os elementos apresentados para ele não eram originais e verdadeiros. Laurentino adquiriu a identidade Congolense pela causa da força maior de obter bolsa de estudo para ir na Universidade. Laurentino percebeu se que em Angola após da Independência o problema de identidade passa pela ordem das coisas, com respeito do indivíduo, de sua família, naturalidade, de sua aldeia, comuna, Município, Província. Por exemplo, se o pai de X pode ser origem do Uíge, mas quando X nasceu em Lubango, ele é então natural de Lubango. Laurentino cresceu com a cultura e hábitos dos Congolenses diferentes de Angola, não sabia como registar o seu filho. Ele foi orientado que o filho deve levar o nome do pai ou dum membro de família, por exemplo Lusadisu Pedro, este nome pode ser completado para outros nomes, ele será então formulado como Lusadisu Pedro Bento Laurentino, isto significa que Lusadisu Pedro seja nome próprio do indivíduo, Laurentino nome de seu pai, Bento nome de seu avo. Entretanto, se este indivíduo tem nome de Lusadisu porque no tempo da gravidez a sua mãe sentia dores da bérnica em casa, só mais tarde apareceu uma pessoa de boa vontade com meio transporte para lhe levar ao hospital. Este apoio era considerado mais importante pela família como uma ajuda inesquecível isto significa que certo nome Africano tem significação em língua materna, às vezes, referem-se nos acontecimentos vividos. Por isso, devemos prestar atenção as nossas identidades, respeitar a sua formulação como tal em qualquer lado do mundo onde se encontra. Os indivíduos devem sempre apresentar os seus nomes com a sinceridade e a veracidade conforme foram formulados no seu bilhete sem alteração. Se o indivíduo chama -se António Sambila, ele não é António Samboolar, se ele é André Nsieto, ele não é André Sienty, se ele é Pedro Mfinda, ele não é Pedro MFidya . Evitamos certas fantasias que eles atraem pela pronúncia Inglês, francês etc etc. Isto não serve nada. Quem faz este trabalho de transformar os nomes? somos nós

próprios sobretudo os jovens com intenção de obter nomes com um acento Inglês ou outra língua.

Laurentino foi aconselhado pelos seus primos de dançar o mesmo pé que eles ou seja seguir aquilo que é da cultura Angolana, comportar-se como um aluno que deve aprender muitas coisas na escola. Mas Laurentino não aceitava aprender a letra os ensinamentos de seus primos. Laurentino tinha sempre esperança de convencer a realidade Angolana pouco a pouco, segundo a sua opinião. Laurentino tinha hábito de almoçar sem tomar sopa na mesa. Ele se justificava frente de seus primos que a sopa era menos importante, é um hábito já adquirido naquele país (R D C) onde ele estava como refugiado. Seus primos lhe respondiam que a sopa é um alimento importante no crescimento do indivíduo porque eles contêm vitaminas e proteína. Laurentino não ficou convencido, Ele preferiu almoçar sem cerimónia nem perder o seu tempo de tomar sopa. Os seus primos riam e gozavam a resposta de Laurentino. Eles tentavam lhe obrigar por razão de que Laurentino se encontra em Angola e seguir os hábitos dos Angolanos, mesma coisa o que diz respeito a língua portuguesa. Laurentino devia fornecer muitos esforços para melhor falar a língua de seu país e suportar as críticas feitas pelas pessoas. Laurentino enfrentava as dificuldades da sociedade angolana. Mas quando ele se encontrava no meio de Lingala, ele esquecia a sua presença em Angola os seus primos que não saíram de Angola lhe aconselhavam a não imitar os Congolenses porque eles vão voltar um dia no país deles, Laurentino é Angolano e não irá nenhuma parte fora de Angola. Um dia um amigo dele Congolense foi apanhado pela polícia. Laurentino lhe defendeu como Angolano de origem do Uíge. Na verdade, ele defendeu um caso perdido porque nada justificava que o seu amigo era do Uíge porque os elementos apresentados para ele na véspera da defesa não eram verdadeiros e originais, em primeiro lugar, a própria linguagem não lhe protegeu tendo em conta o acento que não obedeceu a língua de Camões. Quando lhe questionava sobre Quibocolo, ele não tinha argumentos para justificar, nem situar devidamente Quibocolo. Esta entrevista lhe fez cair. Laurentino passou bem essa prova, único impedimento foi a língua Portuguesa, mas o que não vinha rapidamente em Português foi explicado em sua língua materna, entendida pela muita gente no meio da sociedade angolana.

Laurentino agiu com sentimento, com objectivo de convencer a polícia, enquanto ele próprio tinha dificuldade em língua Portuguesa. como se diz "querer tirar uma coisa na vista do outro, mas, entretanto, a tua vista está sofrer "contrario daquele que já se viveu na (R D C.). Laurentino devia lembrar se o tempo que seus parentes foram transportados na comuna de Kinshasa ponto de partida para voltar em Angola, aí nenhum dos amigos Congolenses do pai ou da

mãe defenderam esta caso. Hoje o que está observado aos Congolenses aqui Angola, está directamente reflectido nos Angolanos do Norte tendo em conta o tempo demasiado que eles viveram junto o Congo Belga (actual Republica Democrático do Congo). De qualquer modo, há sempre lugar de descobrir quem o verdadeiro Angolano e que não é, no caso concreto de Laurentino que se encontrava em frente da policia com seu amigo Congolense. A verdade chega sempre tarde enquanto que a mentira anda rapidamente. Laurentino é angolano, graça as suas explicações claras e validas de alguns elementos originais e verdadeiros como base de sua identidade. Por outro lado, o seu amigo Congolense encontrava dificuldades de justificar que ele é angolano origem do norte por terem sido fornecidos elementos inventados da sua identidade porque ele meteu agua na sua entrevista, o facto de responder muito mal algumas perguntas que lhe foram colocadas. Para ele Kibocolo é um dos municípios de Uíge, e Mavoyo encontra se no Município de Damba, o que meteu em duvida as autoridades competentes (polícia). O Norte de Angola é um refugio onde muitos estrangeiros tomam iniciativa de vestir o seu fato, mas aí podemos distinguir um fato original e aquele da segunda mão. Uma outra situação que podemos qualificar de ambiguidade e incompreensível de Sr Florindo (Angolano) vizinho de Laurentino que pediu um empréstimo de dinheiro Kz 8.500,00. Sr. Florindo não pensava devolver aquele montante de dinheiro porque ele dizia que Laurentino era zairense. A polícia agiu bem com a justiça e fez compreender Sr Florindo que não era um pretexto suficiente porque uma coisa é um empréstimo que não tem nada haver com teu pensamento errado.

Sr Florindo fiz um compromisso por escrito de devolver aquele dinheiro. Ainda Laurentino é Angolano apesar da dificuldade em língua Portuguesa, ele merece respeito como outro cidadão Angolano conforme lhe define na sua identidade, o acento da língua portuguesa é menos importante, pois que a influência francesa tem sido dominado Laurentino, com tempo de sua permanência na RDC (Ex- Congo Belga). Laurentino foi compreendido na policia porque ele explicava melhor em sua língua materna aquilo que foi mal-entendido em língua Portuguesa. Essa é uma lição onde aprendemos a importância da língua materna... A língua materna protege os indivíduos. Nós vivemos cenas das pessoas que têm sempre coragem de inventar as suas identidades, isto por falta de conhecimentos profundos, de sua aldeia, região, de costume, tradição, as vezes de sua família. Por isso, aconselhamos a cada um de nós conhecer a sua cultura como foi exemplo concreto de Laurentino que se interessava ficar um tempo das férias na sua aldeia de origem onde ele aprendia muitas coisas reais, e verdadeiros de sua família, de seu ambiente. Nós encontramos desligados de não conhecer, reconhecer os valores das nossas famílias, da região, município, comuna, tradição,

costume, e perdemos o nosso mundo verdadeiro da nossa cultura. **Nós somos condenados a viver junto neste mundo seja como for as nossas contradições, pensamentos, ideias, Orgulhos, tendências, são vanidades de vanidades, pois que todos vão e vem mas acabam como carvão que se consumo no fogo em barulho no inicio e em silencio no fim.** O essencial é que a identidade seja bem-apresentada e bem defendida. Laurentino era capaz de defender a sua identidade em todo lado onde ele se encontrava porque ele conhecia o que ele podia falar. Aquele que não tinha argumentos para defender a sua identidade, sentiu se humilhado ou inferiorizado e alguns decidiram se sair de Angola por outros países pois que ele disserem que os Angolanos não gostavam deles, enquanto que era pura mentira, porque eles não estiverem paciência de apreender como viver no meio dos Angolanos. Qualquer país tem a sua cultura, essa não pode ser transportada para outro país, mas os indivíduos adaptam-se a tal cultura Por Laurentino, custou de dançar o mesmo pé junto os seus primos. Laurentino encontrava se em Angola e devia seguir o caminho de seus primos.

Este era o desejo dos primos de Laurentino de lhe ver aperfeiçoar rapidamente em língua portuguesa, embora não podia ser comparado aos nativos de Angola, o essencial era de fazer se entender no meio da sociedade Angolana para que ele não seja sempre sujeito de rir. Sabemos que muitos Angolanos naquele tempo não sabiam a realidade de Angola na sua totalidade, sua historia porque as pessoas viajavam pouco, tinham medo de serem capturados para servir os colonialistas portugueses. Até neste momento quando falamos de Maquela do Zombo, Damba, ou mesmo Uíge, alguns Angolanos pensam que são nomes que se encontram fora de Angola, isto por razão de falta de interesse ou mesmo por ignorância de conhecer a realidade e a verdade de todas Províncias de Angola... A culpa era dos Portugueses que não deram muitas oportunidades e gosto aos Angolanos de viajar livremente e nem se comunicaram com frequência. As únicas ocasiões de encontro entre os Angolanos eram na tropa, nas fazendas, e outros lugares onde as pessoas trabalhavam em grupo para servir os patrões Portugueses. Era então momentos difíceis de aprofundar as relações amigáveis entre irmãos angolanos pelo facto de ter mais preocupações nos trabalhos forçados (Ntonga). Eles esqueceram de tudo. Era situação dramática e miserável dos Angolanos. Quando Laurentino defendia a sua identidade no seu regresso em Angola muitas gentes ficaram boca aberta e não acreditavam aquele que ele dizia. Se estamos a repetir a dizer que Maquela do Zombo faz parte de Angola, pela intenção de vir pagar o que estava na mente das pessoas como um erro. Laurentino foi mal compreendido as vezes, mas a verdade saiu ainda na boca do Sr Manuel Carvalho que passou a tropa na época colonial na Província do Carmona (hoje Uige), testemunhando no meio de seus os vizinhos

do Bairro que era penas de que as pessoas não acreditavam as explicações de Laurentino e de sua apresentação como Angolano. Sr Manuel de Carvalho apoiou totalmente as suas palavras que era verdade e incontestável. Sr Manuel de Carvalho cumpriu a tropa na província de Carmona, ele passava sempre o lado de Luidi (aldeia de Laurentino), onde ele ficava duas horas de repouse só para beber Nsamba (bebida de palmeira) antes de chegar a Maquela do Zombo.

Sr Manuel de Carvalho forçava se de falar Kikongo. porque ele ficou quase seis anos nas forças armadas do tempo de colono Português. Sr Manuel de Carvalho comentava que Laurentino é 100% Angolano porque ele conhece e justifica bem a sua identidade. Ainda ele sabe falar a sua língua materna. A justificação correcta da identidade não pode ser feita só em língua importada, mas melhor ainda em língua materna, língua de base, de origem. A identidade de Laurentino foi confirmada graças os testemunhas apresentadas pelas muitas gentes. A historia não parou aí, um dia Laurentino foi convocado pelo Director da escola por motivo de seu filho Zola que fez confusão com seu colega da turma por insulto como "Zairense". O problema seria fácil de resolver se o professor tratasse assunto com sinceridade e justiça, fazer a reconciliação aos dois alunos e dizer que o ódio não arranja nada mas destrói, porque a escola tem papel fundamental na educação moral e civil e na aproximação dos alunos entre eles. Neste contexto, o professor aproveitaria fazer conhecer os seus alunos que Zola é Angolano, ele se encontrava no Congo Belga com seus parentes por terem sido oprimidos pelos Colonialistas Portugueses, sabendo que a Província de Carmona (Uíge) faz fronteira com Congo Belga (actual RDC). Era um dilema ao professor de esclarecer esse assunto, ele preferia proceder tirar a roupa de Zola e vestir bem António colega de Zola. Isto não foi a boa solução, nem a justiça. Outro teatro, era do Professor João SoKi filho do tio de Laurentino, que recusou identificar -se na escola como do Uige, nem defender o filho de Laurentino, mas o director da escola conhecia o tio do Laurentino Sr Lubaki origem do Uíge. Para acabar com teatro, o Sr Director compreendeu logo que há gentes que não gostam de identificar -se como deve ser, era preciso fazer matemática para chegar a uma conclusão de que Laurentino sobrinho de Sr Lubaki, este é o pai de Sr João Soki professor, o aluno Zola é Angolano porque ele é neto do Sr Lubaki. Sr Director chamou atenção os seus professores devido a confusão que circulava no meio de escola, era preciso saber quem é zairense? e quem, não é? também é preciso ser fiel de sua identidade e apresentar se como tal sem vergonha. Sr João Soki professor queria fazer marcha atrás com medo de ser considerado como do Uíge...

Nos tempos passados, a identidade era uma honra e diferenciação em comparação do carácter, talento do individuo com outro, por exemplo numa grande festa tradicional. Organizada por falecimento dum Soba com a participação de muitas aldeias, há sempre concorrência dos melhores dançarinos de batuque, o mais destacado pelas suas exibições merecia tantas palmas do público e reconhecido como vencedor entre os grupos de dança presentes naquela festa. A identidade caracterizada pelos talentos especiais, influencia a curiosidade do público nada que por prazer de viver a sua exibição. Tudo faz dignidade de tal ou tal família, de tal ou tal aldeia, e de tal ou tal país na identidade. A identidade não pode ser honra só do individuo, mas também de um país, aldeia, região, colectivo, por exemplo quando referimos a certos produtos de qualidade como café Njinga. Esse café encontra-se em Angola e tem carimbo de Angola, é orgulho dos Angolanos, dum famoso grupo de dança da aldeia X, do petróleo de Arábia Saudita também é de qualidade, leva a identidade somente daquele país e não outro. **A identidade pode apresentar características diferentes comparadas entre indivíduos, aldeias, países, pela sua qualidade própria a ele e que a sua atribuição seja única e aprovada para ele.** O que se passou ao Sr João Soki professor daquela escola, que negou a sua identidade de origem do Uíge. Ele cometeu um erro grave de esconder a sua verdadeira identidade. A identidade é um carimbo de cada um de nós, do país, aldeia. A identidade cotem elementos originais, verdadeiros, válidos pelo estado de direito, em qualquer lado do mundo. Os seus elementos não podem ser trocados, falsificados ou acrescentados pelos outros elementos que podem vir contrariar o conjunto dos elementos verdadeiros e originais. A veneração da cultura dos outros países pode trazer as consequências quando sabendo que nós Africanos temos denominador comum em certos pontos da cultura, mas há sempre diferença. Não podemos forçar, imitar a 100% gestos, actos ou maneira de ser dum povo, pois que aparecem gestos indesejáveis que não têm hábitos naquele outro povo. Por exemplo concreto de dança de Zaiko Langalanga, fazia sucesso nos anos 70 e 80 no Congo Kinshasa (RDC), pois que os primos de Laurentino não se interessavam a essa dança, isto foi um sujeito de rir para eles.

Nas festas, Laurentino não gostava de dançar a boa musica do Mingas, Kizomba, Semba e outras. Laurentino devia compreender e reflectir nas orientações de seus primos, infelizmente ele seguiu um sentido inverso, embora se diz que quando se encontra no meio onde as pessoas dançam a esquerda, deveria também dançar neste pé, isto não foi feito pelo Laurentino. A desobediência de Laurentino neste aspecto aborrecia os seus primos. Laurentino foi intimidado e

humilhado nas discussões, Laurentino foi chamado "LANGA_" para melhor gozar com ele, este sobrenome ficou, e ficou mesmo para simbolizar o seu amor naquela dança de Zaiko Langa Langa. Laurentino não gostava de sopa, os seus primos tinham tendência de falar com ele "**LANGA não gosta de tomar sopa**". Este nome chegou até aos vizinhos dos primos de Laurentino e estendeu em todo Bairro e não ficou aí, foi longe e longe mesmo. Outro cenário que domina nas províncias do Norte de Angola que fazem fronteira com Congo Kinshasa (RDC) é a ameaça da língua Lingala sobretudo no meio da população do Uíge, de Mbanza Congo (Zaire) e pouca na província de Cabinda. Na realidade não é fácil combater este fenómeno, dizia Sr António Jacinto colega do Sr Lubaki tio de Laurentino, em missão de Serviço no Uíge. A língua Lingala prestava confusão em casa de Sr Lubaki... Os filhos tentavam convencer mãe e avo de introduzir a língua Portuguesa em casa, mas nada, havia uma guerra das línguas sobretudo ao lado de Sra Vuvu (mãe) e avo Semba que tratavam muito mal seus filhos em Lingala e também em Kikongo. Sr António Jacinto assistiu um filme em sua estadia nesta casa. Ele escutava Sra Vuvu (mãe) falava Lingala com muita autoridade assim como avo Semba em língua materna. Elas não gostavam que seus filhos falassem português, segundo elas, a língua portuguesa provocava atraso para conversar, enquanto que Sr Lubaki (pai) não tinha problema de ser entendido com os filhos e a esposa Sra Vuvu em qualquer língua. Sr Lubaki (pai) conduziu-se como um poliglota. Uma coisa engraçada quando Sra vuvu (mãe) se encontrava em situação colérica, ela proferia as injurias em Kikongo (Ngulu, mbuanguani, ntoto) mas os seus filhos não percebiam a significação destas palavras.

Para acelerar, Sra Vuvu (mãe) voltava de falar rapidamente em Lingala para ser entendida melhor aos filhos, mesmo quando Sr Lubaki (pai) tinha intenção de intervir em Português, Sra Vuvu (mãe) continuava a responder em Lingala e Kikongo, e aí nascia um cruzamento violento, alimentado aos rires fortes dos filhos. Quem tinha prioridade? Sra Vuvu? ou Sr Lubaki? Se cada lado esforçava-se de levar a voz alta, sabendo que Sra Vuvu falava uma mistura das línguas, iniciava em kikongo e terminava com Lingala. Sr Lubaki (pai) tentava seguir Sra Vuvu em Kikongo, mas impossível o ruído dos filhos não deixavam ouvir a coesão da linguagem entre ele e Sra Vuvu sua esposa. Então, era confusão dos demónios que invadiam a casa. A velha Semba (mãe de Sra Vuvu) metia-se a rir nas conversas que ela não compreendia, ela só falava Kikongo e pouca lingala e tinha histórias com seus netos e netas naquela casa. Um dia, avo Semba mandou comprar cigarros a uma das netas, essa por sua vez lhe comprou pão pelo facto de não compreender bem a língua materna Kikongo, ainda na semana passada, o neto David voltou da escola, a velha Semba falou com ele para deixar comida a irmã, mas

aquilo lhe passou na janela, David comeu toda comida, porque ele não compreendeu Kikongo, veja as consequências para os netos de não dominar a língua materna. Sr António Jacinto ficava no canto para bem assistir este filme. Sr Lubaki sendo chefe de família não faltava fazer observação a linguagem de sua esposa e da velha Semba perante os filhos, era uma situação difícil. A cacofonia plantou se em casa quando os mais novos tentavam introduzir a língua Portuguesa em seu benefício, mas infelizmente. Sra Vuvu(mãe) e avo não se preocupavam com a língua Portuguesa nem dar a sua importância para o futuro dos filhos. Sr Lubaki falava português, francês, Kikongo, e Lingala mas a língua mais dominante em casa era Lingala e evidente que a língua Portuguesa era difícil de triunfar naquela casa onde a língua Lingala foi utilizada para maioria das pessoas.

Os mais novos deviam esforçar-se de falar sempre a língua Portuguesa porque essa língua é um instrumento e veículo para eles, na escola, no local de trabalho. Sr António Jacinto foi mais longe até trinta um de Janeiro passando a Damba, o comportamento das pessoas era o mesmo. Ele atingiu Maquela do Zombo, a situação da língua Portuguesa piorou pois que Lingala foi utilizada nos bares, ruas. e em casas. Sr António Jacinto perguntava sempre Sr Lubaki o porque este fenómeno? Sr Lubaki respondeu que ele vivia o Congo Belga (RDC) mais de 40 anos como refugiado sem identidade Angolana, mas com identidade tradicional, isto quer dizer a ideia de pertencer numa família especificada, conhecendo os membros de família, a sua aldeia de origem, de saber a sua língua materna, de situar bem o seu ambiente Ele não tinha nenhum documento de Ngola dos Portugueses que lhe declarava como angolano. Os seus filhos não tinham noções de Angola, mas eles eram vítimas das injurias, suportando o peso imaginário do país de Ngola. Eles viveram muito tempo na RDC e adquiriram hábitos e mentalidade dos Congolenses. As suas línguas correntes eram Lingala, e Francesa. Sabendo que Sr Lubaki vinha sempre clandestinamente a Zombo sem, portanto, dizer Ngola que pertencia os colonialistas Portugueses, visitar os familiares nos momentos difíceis. Sr. Lubaki falava à Sr António Jacinto que os Angolanos viveram na ignorância total de Ngola porque o tempo de colonização foi demasiado (500 anos), seria talvez único país de Africa nestas condições? Sr Lubaki não tinha ideias de seu país Ngola porque os Portugueses lhe escondiam a veracidade da Ngola, este país era bem monopolizado, considerado pelos colonialistas como uma das Províncias de Portugal. Ngola não encostava no coração de Sr Lubaki, não lhe pertencia, Ngola ficava na margem de Sr Lubaki, mas ele tinha entusiasmo de visitar Zombo sem, portanto, pensar ir a Carmona (Uíge) cidade tabu, metia medo no espírito dos indígenas, medo de ser apanhado para ser encaminhado na Ntonga (trabalhos forçados) espalhados nas diversas Províncias da Ngola, em certa oportunidade os capturados

foram desviados para Africa do Sul, Rodésia, para prestar trabalhos forçados nas minas, sem identidade completa, isto significava sem fazer registo dos indivíduos com os nomes, pai e mãe, aldeia, Município, Província, mas com identidade especial do estado colonial, ou seja, listas com nomes e com carimbo do estado Português. E naquele tempo, os familiares não foram informados do imediato o destino de seus filhos. Os Portugueses transportavam ou movimentavam os indígenas como mercadoria e mandavam qualquer lado do país ou fora do país sem desejos das famílias. Aqueles indígenas mais corajosos metiam-se em fuga e levavam notícia da tristeza sobre a situação de seus colegas como foram tratados e distribuídos nos trabalhos forçados (NTONGA) comparados ao escravagismo. Muitos países ficavam aborrecidos e condenavam os actos bárbaros dos colonialistas Portugueses. Essas ameaças dos colonos obrigavam os Angolanos de sair da Ngola para ir viver em paz a Zâmbia, Congo Belga, Congo Brazzaville. Por isso, somos confundidos aos Congolenses pelo facto de viver muito tempo junto com eles. Neste contexto a nossa identidade Angolana sofre e mal interpretada, inventada pelos os estrangeiros que penetram com frequência em Angola, porque não sabem o que estão a dizer, e não tem conhecimentos suficientes para justificar que são angolanos. Este respeito deveria ser o mesmo na mente de qualquer estrangeiro tendo em conta os seus antepassados de cada país. O mundo está evoluído, essas cenas passam quase em todo canto da terra dos homens, onde os indivíduos procuram sempre enganar este ou aquele estado do país para ter melhor vida, pois não se identificam como eles estão conforme os seus países de origem, mudam de cores como camaleão, fazem nós viver situações que não são em ordem das coisas porque eles não se controlam. Eles obedecem ao ritmo do mundo, apresentam dados verdadeiros onde não há a verdade, portanto existe a pura falsidade. Sabendo que nesta época o estrangeiro não merece respeito em qualquer parte do mundo.

Ele é, as vezes sujeito de brincadeira e de crítica, contrário a concepção dos nossos antepassados onde cada individuo era fiel de sua identidade, de como ele devia ser considerado em família, aldeia, e na sua região. **A identidade pode ser sujeito da concorrência, o que pode valer mais para sua qualidade com apoio de alguns elementos que são próprios por tal individuo, país.** Observando o mundo, pode perguntar-se, em que cada nação é capaz de fazer? Como identifique -se? Por exemplo o nosso café Njinga é café de qualidade com carimbo de Angola, muitos países gostam deste produto, há petróleo de qualidade por exemplo Arábia Saudita com carimbo deste país onde pertence. Por isso, quando alguns estrangeiros identificam-se com origem do Uíge, de Cabinda, do Zaire, Huambo, mas fazendo análise de certos nomes das aldeias apresentados pertencendo a essas ou aquelas Províncias, não

correspondem verdadeiramente, parecem nomes das aldeias inventados e não fazem parte das estruturas municipais confirmadas pelo estado Angolano. O estado tem papel importante na identidade. Para nós angolanos, qual é a importância da língua lingala? Lingala, é uma língua que pode nós servir nos contactos sociais quando chegamos na Republica Democrática do Congo, por esta razão alguns angolanos gostam de aprender a língua Lingala, mas também os outros Angolanos detestem lingala por dificuldade de aprendizagem e menos importante em Angola. O nosso desejo neste momento é de aprender as nossas línguas maternas, será um caminho difícil, mas podemos conseguir porque tudo depende da nossa vontade e paciência porque as línguas fazem parte de nossa identidade. Lembro da palavra do professor da historia Arlindo Barbeth de faculdades das letras de Lubango daquele tempo, que dizia: virá um tempo, os estudantes regressados de fora terão muitas dificuldades e confusão de falar ou escrever língua portuguesa senão aperfeiçoarem bem a língua portuguesa mais usada em todo território nacional. Isto é verdade, o facto de falar, falar sempre Lingala aumentará as dificuldades de língua portuguesa, pois haverá um tempo algumas palavras portuguesas não virão rapidamente na boca.

Senhor António Jacinto agradeceu Senhor Kialunda de suas explicações válidas e educativas nas quais ele compreendeu, entendeu em relação as suas perguntas postas, o porque os irmãos Angolanos regressados de fora falam mais a língua Lingala? Isto pode justificar se pelo tempo de permanência o Congo Belga (R.D.C), apesar disso eles devem dar prioridade a nossa língua portuguesa. Os contactos entre os Angolanos não se sentiam tanto no tempo dos colonialistas Portugueses. A moral dos Angolanos regressados quer do Congo Belga, (actual RDC), ou do Congo – Brazzaville (R.P.C.), Zâmbia, no meio da sociedade Angolana era fraco e instável, pelo facto de não dominar bem a língua Portuguesa e a conservação de certos hábitos culturais dos países onde estiverem, alguns recuaram para atrás e outros meteram -se em fuga por falta da paciência. Senhor António Jacinto reconheceu o atraso de não viajar nas outras províncias de seu país Angola. Ele atingiu a idade de 40 anos quando ele descobriu a província do Uíge como um mundo novo para ele. Neste momento, ele tinha esta oportunidade de encontrar se no Uíge em missão de serviço após de Independência. No tempo colonial, as pessoas viveram nas suas províncias, isto quer dizer que, do Huambo em Huambo, do Malanji em Malanje, do Benguela em Benguela -----, houve pouca circulação das pessoas porque eles se sentiam medo de serem apanhadas para executar os trabalhos forçados (NTONGA). Luanda era nome que fazia tremer os indígenas, Luanda era cidade poderosa dos colonialistas Portugueses. Os filhos de Angola eram bem divididos no interior de Angola, era mais famosa

diáspora forçada durante um tempo da civilização demasiado, viver só na esperança de esperar a liberdade total atrasada pela manobra dos colonialistas portugueses. Essa era a realidade. Fazendo comparação entre Laurentino e seus primos, podemos chegar a conclusão que o encontro dos filhos desta família foi problemática, por Laurentino regressado de Congo Belga(RDC) a língua portuguesa era um obstáculo para fazer se entender claramente, por outro lado, os primos de Laurentino eram bem limitados, não sabiam dar explicações claras sobre Angola, nem tinham conhecimentos dos países de fora e bem atrasados nos estudos. Os culpados eram os colonialistas Portugueses.

Por tanto, os contactos permanentes entre os indivíduos diminuem o ódio e cria amor, e faz crescer a solidariedade, apesar algumas contradições. A distância pelo contrário traz a consternação, preocupação, desconfiança das famílias. Tudo isto observava-se no espírito das pessoas separadas durante muito tempo, como foi o caso das famílias angolanas. A independência de Angola trouxe a liberdade, a tranquilidade, esperanças, as forças dos Angolanos de viveram junto. Angola, país rico, muito rico em petróleo, diamante, atraídos pelos muitos estrangeiros. Os ensinamentos de Sr LUBAKI tio de Laurentino sobre Angola antes da independência vinham instruir o espírito do Senhor António Jacinto em missão de serviço na Província do Uíge e lhe fiz uma verdadeira escola porque ele sabia quem são Angolanos regressados? A divisão dos Angolanos era politica dos portugueses para melhor sentar, reinar e dominar os indígenas Angolanos. Sr António Jacinto ficou no Uige durante mais de 5 anos e ele tentava falar Kikongo e pouco Lingala, seria que Sr António Jacinto podia ser considerado zairense? Nada, ele é angolano, nasceu em Cuima no dia 12 de janeiro de 1940, Município de Katata, Província de Huambo, filho de Adelino Justino Jacinto e de Maria de Fátima Jacinto, profissão contabilista. O mais importante no individuo é a sua identidade e saber defender a mesma com base de conhecimento dos elementos verdadeiros e originais. Estes elementos são justificados nas estruturas da nação Angolana. As opiniões emitidas pelos indivíduos nem sempre são verdadeiras, essas devem ser analisadas para uma conclusão fiável e justa porque a verdade é única. A verdade é a base dos conhecimentos próprios e originais. Sr António Jacinto adquiriu os conhecimentos verdadeiros de base dos Angolanos regressados, porque ele ficou no meio dos angolanos regressados durante um bom tempo.

A partir daí, Sr António Jacinto é convencido que o seu colega Sr Lubaki é verdadeiro Angolano. Tudo que foi adquirido no Congo Belga (Kinshasa) não lhe paga de sua identidade Angolana, é preciso lhe meter no seu lugar próprio de um Angolano. Isto encontra-se na

justificação da civilização atrasada dos colonialistas Portugueses de 500 anos.

8. A identidade em jogo.

Claro, se nós compreendemos o que a identidade não podemos tentar enganar as pessoas, nem falar mentira, talvez seria um problema de não conhecer a importância do termo da identidade. Não podemos vender a pele de identidade a qualquer preço e não serve a nada. Esta maneira de agir é condenada juridicamente pela lei de qualquer estado. A identidade pode ser alterada conforme nas observâncias dos procedimentos jurídicos. Os indivíduos oferecem -se luxo de adquirir rapidamente a identidade. É uma sabotagem voluntária que diminui os valores do individuo em si próprio. A identidade indica ideia de pertencer em família, a nação. A identidade define o individuo na família, no seu ambiente, região e no próprio país. O jovem Laurentino conhecia a partir do Congo Belga onde ele estava em exílio o bem e mal da identidade. Por isso, ele procurava a veracidade de como ele estava, da realidade de sua identidade. Ele não ficava contente da identidade emprestada, adquirida por razão de força maior (estudos). Em tudo lado onde Laurentino encontrava se, ele dizia no seu coração que lhe faltava uma coisa. Era então a originalidade. Tudo isto não foi suficiente para Laurentino e não lhe dava valor total em si próprio porque a identidade Congolense não lhe pertencia e Congo Belga não era país de seus antepassados. Este capítulo da identidade adquirida fora de seu país não lhe dava saúde espiritual pelo facto de ser congolense camuflado, ele era muito diferente dos verdadeiros Congolenses que se manifestavam pela voz alta dizendo que” **são congolenses a 100% e ninguém lhes podem tirar nem 1% e porque eles são originais.** Aqui, os valores da identidade apresentados são cotados a 100% para além disso eles diziam que são dos Bandibu. De peso, isto quer dizer, de verdadeiros valores e ainda que a sua identidade pode ser justificada em frente de Soba Ndofula. Laurentino sentia e ouvia orgulho dos indivíduos com apresentação da identidade verdadeira e não é o caso da identidade duvidosa de Laurentino. Uma verdadeira identidade deve ser bem especificada, esclarecida e bem situada. A identidade deve ser única pelo individuo, pelo país, por qualquer coisa identificada, acompanhada com elementos únicos, verdadeiros justificados na sua base de origem. Tendo em conta esta consideração, Laurentino deveria regressar em Angola, seu país de origem onde ele encontrou tudo o que pode ser a base da sua verdadeira identidade, ele é pronto a justificar a sua identidade através de que ele viu, viveu e ouvindo em família, na sua aldeia de origem. O individuo pode fazer 10, 20, 30, 40, 50 anos fora de seu país onde tem outra identidade daquele país, este individuo não vai sentir se bem porque lhe falta uma coisa que faz diferença dos donos

daquele país. Era um caso de um amigo de Laurentino, Nsumbu Congolense que se encontrava na situação de emigrante em França, ele se lamentava de expatriação de 5 a 8 africanos para semana, isto após de análise dos processos individuais pelas autoridades competentes Francesas, quando os dados da identidade não satisfaziam as exigências dos critérios imediatamente o individuo é expatriado. Nsumbu apresentou-se como Angolano, infelizmente durante o tempo de entrevista não demonstrou que era Angolano porque muitas perguntas sobre Angola não foram respondidas com satisfação e certos elementos de identidade apresentados como nomes de sua aldeia, da municipalidade, não existem na estrutura daquela província em Angola ,algumas províncias de Angola eram mal situadas geograficamente, por Nsumbu, Uíge encontra se no centro de Angola, Huambo no norte, Cabinda no Sul tudo era dito ao contrario Nsumbu passou em Angola pouco tempo via Europa.

Ele não conhecia bem Angola. Ele inventou a sua identidade própria sem saber que Nsumbu pertence numa família que tem origem especifica e os nomes exactos dos membros de família conhecidos no meio social que se encontra numa estrutura de administração dum estado. Se Nsumbu tivesse conhecimento da sua identidade real, não teria coragem de apresentar outra identidade falsa. Isto é vergonha e escândalo frente daquelas autoridades. Nsumbu era expatriado da França para Africa por não saber defender a sua identidade. Quando sabemos que existem, em tudo lado do mundo, peritos em qualquer matéria nos domínios, jurídico, historia, sociologia, geografia etc capazes de dar respostas adequadas concernentes nos países Africanos. Nsumbu não sabia que os elementos de identidade inventados, imaginados são condenados pela justiça pois que o que dizia Nsumbu sobre Angola, é uma difamação, prejudicial por Angola. Nsumbu não percebia que toda identidade tem o seu reflexo na família, no seu ambiente, na estrutura do estado. Os elementos apresentados deviam ser verdadeiros e originais, coisa importante que Nsumbu não tinha conhecida em comparação a Laurentino que se decidiu passar as férias na sua aldeia de origem onde ele descobriu a realidade como que ele é, e de sua herança onde vão buscando a veracidade e a originalidade de identidade dos antepassados. O jovem Laurentino seguiu este caminho que lhe levou ao sucesso de defender a sua identidade.

Sobre o Autor



Mwanga Garcia, (Município de Maquela de Zombo
Em 1944, Assistência Social (Instituto dos estudos Sociais do Estado (R.D.C.); Licenciado em ciência de Educação (opção Psicologia) Universidade Agostinho Neto (ISCED-Lubango) ; cursos de formação sobre Jovem família em dificuldade ; Sistemas de Saúde e Saúde comunitária - Faculdade Permanente -Universidade de Montreal - CANADA), Curso de gestão de Recursos humanos (Centro de Formação Profissional – Porto (Portugal) e do Cooperação (Norma) Delegação Provincial da Industria–Huila (Lubango). Professor assistente colaborador (ISCED - Psicologia Geral). 1996 -1998, Administrador de Recursos Humanos N’GOLA de 1978- 2007, Colaborador ao tribunal de trabalho Huíla - Lubango 1987-1989.

REFLEXAO SOBRE A IDENTIDADE

Autor: Mwanga Garcia

EDITORA DIGITAL
"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a
Mwanga Garcia

Este E-book está protegido por
Leis de direitos autorais na "**CPLP**" "**SADC**" e "**PALOP**"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.
Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que
Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade
Pelos textos, músicas e imagens
É exclusivamente do Autor.

